

Capítulo 1

- Olha, corta aí uns brócolos para cozer – a mãe, despachada, tenta gerir a cozinha. Ele não se importa, até gosta de a ver em ação. Vai ao frigorífico buscar os brócolos e começa a cortá-los – Vou pôr os douradinhos no forno para os miúdos. E nós?

- Oh pá, por mim como restos – o pai vai enchendo os pratos com sopa – Pode ser esse pedaço de tarte que aí está.

A mãe abre a porta do frigorífico e fica um pouco a olhar lá para dentro.

- A sério, perco-me sempre a olhar para este montão de caixas...nunca sei o que é o quê – ele esboça um sorriso enquanto põe os brócolos dentro do tacho.

- A tarte nem sequer está dentro de uma caixa, vê na prateleira de cima – o pai dá a volta ao frigorífico, ajudando-a a navegar pelas prateleiras até chegar à tarte.

- Ah, está aqui! – pega na tarte e fecha a porta do aparelho – Isto se calhar tenho é de usar óculos...

Prepararam o almoço como habitual. Os miúdos refilaram para pôr a mesa, como de costume, mas lá fizeram alguma coisa. Demoraram uma eternidade para ir lavar as mãos, mas também isso era esperado. Se fizessem tudo o que os pais diziam, como diziam e precisamente no tempo em que estes queriam, seriam certamente considerados anormais e, imediatamente, inscritos nas sessões de psicólogo.

Sentam-se à volta da mesa. Ao fim-de-semana há sempre mais tempo para almoçar. Tudo normal, com as perguntas e respostas usuais acerca da salada, do ketchup e da sopa.

- Mãe, hoje há sopa?

- Sim, hoje há sopa – o pai sorri novamente, desta feita de um modo maroto, olhando de esguelha para a filha – Como fui eu que a fiz, deve estar excelente.

- Oh não, pai! Detesto as tuas sopas! – a filha responde, indignada.

- Então já viste que tenho mesmo de continuar a fazê-las, para ir melhorando.

- Uma por ser parva, uma por dar argumentos ao inimigo, uma por não conseguir ficar calada...

- Cala-te, parvo!

- Célia, já te tinha dito para não chamares nomes ao teu irmão – a mãe intervém, tentando restabelecer a ordem.

- Mas ele é que me chamou parva primeiro!

- Uma coisa é certa: as minhas sopas não deixam ninguém indiferente – o pai leva uma colher de sopa à boca, satisfeito com a sua obra e com uma bela fatia de pão barrado com manteiga de soja.

- Tu...sobreviverias só com sopa e pão com manteiga – a mãe olha para ele com um carinho maternal, embora o tom seja reprovador.

- Oh pá...um dia destes levas um tupperware com sopa contigo para o trabalho. Aqueces no micro-ondas e depois distribuis pelos clientes, enquanto lhes mostras os apartamentos. Vais aumentar as vendas, e upa-upa...

Tudo a rir.

- Pai, a sério...só dizes piadas parvas! – a mais nova é tacitamente eleita a voz do subconsciente do resto da família.

- Quem não vos conheça que vos compre! – e rapa o prato com deleite – Vocês falam, falam, falam... Mas sem a minha parvoeira andavam aí a chorar pelos cantos.

- Por falar em cantos, como foi o treino, Jonas? – a mãe decide desviar o foco sobre o pai.

- Normal...chatearam-me outra vez no balneário.

- Então e tu ficas-te?! – a mãe revolta-se com a aparente passividade do rapaz.

- Oh, eles são uns parvos...e é só alguns. A maioria está na boa.

- É isso, Jonas, mostra-lhes alguma fibra – o pai procura dar-lhe confiança.

- Como tu a puxares as cordas do contrabaixo, né pai? – os olhos do rapaz brilham de entusiasmo.

- Iá, é um bocado isso... Mas olha, vê se comes os brócolos – entretanto ajuda a mais nova a manter a comida no prato. Dirige-se agora à mãe – Vais com eles agora à tarde? Onde pensam ir?

- És sempre o mesmo, Carlos...deixa-me adivinhar, vais ter um ensaio, ou assim – a voz dela adquire um tom irónico, mas Carlos não dá troco.

- Sim, tenho um ensaio – olha desconfortavelmente à volta – temos gravações daqui a duas semanas...se não ensaiarmos aquilo não sai nada de jeito.

- Pois, mas lá arranjas maneira que seja num sábado à tarde – agora a voz de Andreia adquire um tom mais ríspido – Durante a semana é porque é semana, agora aos sábados é porque é o disco e sei-lá-mais-o-quê...

Entretanto os miúdos comem, de olhos postos nos pratos, a sentir a discussão dos pais a passar-lhes por cima. Carlos procura manter a calma.

- Não é assim tão simples...muito gostava eu que fosse – tenta ir comendo alguma coisa, a ver se o almoço não se arrasta – Sabes que aquilo é uma banda, pelo que as coisas não dependem só de mim. Naturalmente que se fosse esse o caso eu não estaria a marcar ensaios para sábado à tarde. Mas dois deles não podiam noutra altura, e eu não podia adiar mais os ensaios...foi o melhor que consegui arranjar.

- O melhor... – agora é a vez dela de encher a boca e calar-se.

A tensão instalada corrói os ânimos. Todos olham para os pratos, ouvindo o rebater dos talheres pairando sobre o silêncio sepulcral do apartamento. A mais nova vira-se para o pai, discretamente.

- Pai, logo à noite quero fazer desenhos contigo – segreda-lhe.

Carlos torce as costas e baixa a cabeça até encostar a sua testa à da filha.

- Claro que sim, Cé...está combinado – devolve-lhe com confiança, embora mantendo a surdina.

- E não tinhas concerto, hoje?! – a mãe continua a cilindrar.

- Não...isso é no próximo sábado – o pai responde com resignação e tristeza – Muito embora ainda tenha de ler umas coisas à noite, por causa das aulas – vira-se de repente para Célia, baixando para o tom confidente de uns segundos antes, piscando-lhe o olho – Mas claro que não vai faltar um bocadinho para desenhar contigo.

Continua a comer, agora mais apressadamente. Andreia só abana a cabeça, desencantada. O almoço continua sem mais sobressaltos até ao final, mas a leveza do início perdera-se. Restavam apenas os comentários de circunstância, absolutamente necessários para as tarefas de comer, levantar a mesa e lavar a loiça. Uma família em stress. Quando Carlos saiu com o contrabaixo, Andreia só grunhiu, encolhendo os ombros a partir da cozinha. Os miúdos esperavam pelo momento de sair com a mãe, cada um à frente do seu jogo de vídeo.

Capítulo 2

Ele acorda antes de toda a gente lá em casa, como é habitual. Exceto nos dias de concerto, em que acorda com os restantes já que os miúdos, positivamente, até um comatoso acordariam. Pensa para si próprio que dormir exatamente o que precisa será só mesmo quando morrer. Até lá, as suas horas de sono são determinadas pela necessidade de se manter vivo e um rol de outras necessidades, às vezes pouco ou nada relacionadas com as suas. Arrasta os pés para a casa-de-banho, onde acerta com o chichi na sanita praticamente com os olhos fechados. Passa para a cozinha, onde prepara o pequeno-almoço sem acender a luz. Para tal basta perfeitamente a fraca luz difusa de uma manhã de Inverno para executar os gestos já mil vezes repetidos. Senta-se a comer os flocos, cantando interiormente uma lengalenga. A gozar um dos raros momentos realmente calmos e serenos do dia. Levanta-se para ir tratar da higiene, depois de mecanicamente pôr o prato na máquina. Fazer a barba daria muito trabalho, portanto limita-se a lavar os dentes, a cara e as partes baixas. Trauteia em surdina um dos seus temas, agora já com a pestana mais aberta. Reúne as suas roupas na sala, para não perturbar Andreia, ainda a dormir no quarto. Pensa em café. Já vestido, passa pelo quarto dos miúdos, abrindo os cortinados e deixando a luz fria da manhã banhar-lhes as faces descontraídas. Lindos. Crianças lindas. Remexem-se suavemente, num lento resmungar, já acordados, mas renitentes em abandonar o sono quente. Senta-se ao lado de cada um deles, poisando sobre eles o beijo de bom dia. A ideia é adiantar-lhes o pequeno-almoço, deixando as coisas encaminhadas para a mãe os levar à escola. É melhor assim porque ela prefere dormir um pouco mais de manhã. Verdade seja dita, também não há ninguém a pedir para ver casas às oito da manhã, portanto a sua tendência natural adapta-se bem à sua realidade profissional. Sai de casa só após se sentar ao lado dela, na cama, depositando também sobre ela o beijo do bom dia. Toda a gente tem direito a beijos de bom dia nesta casa, mesmo os mais resmungões. A sua primeira paragem é na escola de música. Aquilo não tem condições nenhuma para o ensino da música, mas ainda assim os miúdos continuam a aparecer. Dizem os diretores que é por causa dos professores. Enfim...o cliente tem sempre razão. Passa a manhã a ouvir escalas, a corrigir posições e a introduzi-los ao “walking bass”. Fosse o andar pela vida tão simples como um bom “walking”. Antes de sair da escola, de volta a casa para o almoço, um colega aborda-o no corredor.

- Obrigado! – Exclama o colega. Francamente mais alto, este passa-lhe o braço à volta dos ombros.

- Obrigado pelo quê? – pergunta-lhe Carlos, genuinamente interessado na resposta.

- Por seres quem és!

Talvez o colega estivesse a ter um dia inspirado, ou inspirador. Mas foi bom de ouvir.

- Ó – foi somente o que Carlos conseguiu responder.

O colega olhou-o nos olhos por um instante e seguiu caminho pelo corredor fora, envergando um largo sorriso. O episódio, apesar de estranho, deixou Carlos bem-disposto, exibindo também um sorriso ao sair da escola.

Já em casa, reina o silêncio, entrecortado pelos autocarros que ainda teimam em atravessar aquela rua. Nunca mais trocam aquelas latas velhas por autocarros elétricos. Ou por carros elétricos autónomos. Ou ambos. Prepara o seu almoço, reunindo restos diversos que o esperavam no frigorífico. Não se importa de comer restos. Importa-se sim com o desperdício de comida. Enquanto come, sentado à mesa da sala, saca do telemóvel para ler um livro. Os telemóveis são como qualquer outra máquina. Podem ajudar, ou prejudicar, dependendo do uso. Parece-lhe que ler livros no telemóvel é uma forma inteligente de evitar o desperdício de papel. O que interessa mesmo é o conteúdo. Logo a seguir ao almoço, ainda faz umas arrumações em casa, antes de sair. As camas, alguns papéis na sala, umas embalagens de iogurte que ficaram de fora, vazias, depois do pequeno almoço dos miúdos. Talvez eles pensem que existe um fantasma das limpezas lá em casa, que misteriosamente faz desaparecer embalagens de iogurte e pacotes vazios de bolachas. Mas provavelmente não pensam nada, assumindo implicitamente que se calhar desaparecer de vista é uma coisa que as embalagens e os pacotes simplesmente fazem. Tudo se aprende nesta vida, com exceção de respirar e fazer as necessidades e pouquíssimas outras coisas.

A tarde é passada a estudar. Em tempos estudara em casa, mas depois de investir aquele dinheiro todo na sala de ensaios, começou a ir para lá estudar. Acabava por ser mais prático, uma vez que lá tem toda a parafernália do som, as pautas, o teclado e, claro, o contra-baixo. Tanto Andreia o chateou por alegadamente ocupar imenso espaço em casa – embora ele mantivesse tudo arrumado discretamente – que acabou mesmo por arranjar aquele espaço, na altura uma verdadeira espelunca, e outrora armazém e pseudo sala de

gravações. Estuda pelo menos três horas por dia, religiosamente. Quem pensa que o talento e a descontração natural são suficientes para fazer um músico, está enganado. Sem método e sem estudo não há consistência, o corpo não se desenvolve e o talento que exista não tem chão sólido onde assentar.

Por volta das seis vai buscar os miúdos. É mais por causa da mais pequena, que o rapaz já não tem idade para o papá o ir buscar à escola. Isso até deverá em princípio melindrá-lo, na sua senda pela independência. Mas hoje estão os dois bem-dispostos, houve greve dos professores da parte da manhã pelo que puderam brincar à vontade até à hora do almoço. Eles não gostam da escola e fazem questão de o sublinhar. Nada de muito novo: ele também detestava a escola, e era precisamente pelas mesmas razões, o que é capaz de dizer alguma coisa sobre a evolução da escola pública no tempo de uma geração. Vem com eles até casa. Às vezes para com a mais nova no parque infantil, mas neste dia de Inverno faz frio e está quase de noite, já não apetece tanto. Jogam às cartas e conversam até à mãe chegar. Há sempre coisas para dizer, embalados pelo vaivém das cartas. Com a chegada da mãe vem o jantar e a costumada confusão associada. Tem concerto nessa noite, como de costume. O stresse ao jantar desenvolve-se porque tem de sair para o concerto, porque era suposto os miúdos não fazerem asneira, porque os pais não se entendem quanto às horas. Todas as semanas é o mesmo. Nos restantes dias é relativamente pacífico, mas quando há concerto é típico as coisas descabarem. Dá consigo a pedir desculpa a Andreia, na cozinha, enfrentando o seu modo autista de lidar com essas situações. Despede-se dos miúdos com um beijo em cada e sai, com a paciência por um fio. Só consegue realmente relaxar quando põe as mãos no contrabaixo, já em palco. Nada o sossega como a música. Traz um efeito calmante e simultaneamente excitante, como quem calmamente bebe um café. Chega a casa estoirado, já depois da meia-noite. Tempos houvera em que Andreia o esperava, ao chegar, e tempos ainda mais idos em que assistia aos concertos. Claro que isso com os miúdos era impossível. Mas a realidade é que o entristecia encontrar a casa completamente às escuras, sem uma luz de candeeiro acesa, sem um par de braços para receber os seus ossos cansados.

Capítulo 3

Ela acorda com o barulho dos miúdos. É o costume. O alarme é demasiado dócil para fazer algum efeito. Bastante mais eficaz é o som do arrastar de bancos e cadeiras na cozinha, acompanhados de risos, exclamações ou queixumes. Mas não sai logo da cama. Não há ninguém a querer ver casas às oito da manhã, e os miúdos só entram às nove. Só pensa realmente em levantar-se quando Carlos entra no quarto. Não gosta de ter de se levantar, mas aprecia aquele gesto doce, o primeiro momento de carinho do dia. No entanto não facilita, devolvendo-lhe um grunhido como resposta. Tem uma reputação a manter. Revira-se mais um par de vezes na cama e resigna-se face ao inevitável. Retira da cama um membro de cada vez. Cambaleante, lá se consegue pôr de pé. Assim que dá uns passos, ainda no seu quarto, percebe logo que há confusão no quarto dos miúdos. Carlos já saiu e eles decidiram jogar ao “atirar a roupa”. É muito giro, muito divertido, mas estica a paciência de qualquer mãe, e logo pela manhã é duro. Mas talvez seja pelo melhor: obriga-a a exercitar a sua paciência e resiliência emocional. Ohmm. Arranja uma saída criativa: as últimas peças de roupa serviriam para se vestirem. A ideia é recebida com entusiasmo. Eles querem lá saber do que fica bem, ou mal, quando se estão a divertir. O rapaz levou as calças de ganga, uma meia de cada cor e uma camisola de capuz que já era suposto ter ido para lavar. A miúda acabou por vestir uns calções do irmão, por cima dos collants – lembrando-se, no entanto, de lhe acrescentar um cinto – e um casaco seu que já nem se lembrava que tinha e que retirara do fundo da gaveta. A restante rotina de sair de casa prosseguiu da forma usual, depois de ambos prometerem que arrumariam a restante roupa ao chegar, ao fim da tarde. Deixa os miúdos na escola, sentindo algum alívio, agora que podia tomar o seu café, a caminho da primeira visita do dia. Esta seria a um apartamento na Lapa, a mostrar a um casal de holandeses na pré-reforma. Imagine-se: a querer trocar a calma e organização de Utrecht por um bairro histórico em Lisboa. Quando eles se aperceberem que esta cidade não é só esplanadas, sol e pastéis de nata, talvez mudem de ideias. Ou não. Talvez venham a perceber que é precisamente do improvisado geral, da sujidade e boçalidade que estavam a precisar para se sentirem vivos. Seguiu-se um senhor francês, a querer alugar um espaço para escritório, e depois ainda um casal de homens jovens, muito bem barbeados e acetinados, à procura de um espaço, nas suas palavras, “para descontraír em Lisboa”. Foram impecáveis, mas não a deixou de perturbar o facto de

durante todo o tempo da visita nenhum deles ter retirado os óculos escuros. Compôs este grupo o ramalhete da manhã. É da maneira que vai fazendo uso do seu inglês macarrónico. Admite já ter gostado mais deste ramo de atividade. A verdade é que os clientes não querem saber o que realmente estão a comprar e ela, passados vinte anos, já não tem paciência para lhes tentar explicar. Limita-se a dizer-lhes o que eles querem ouvir, e isso chega-lhes. Sobe a calçada até à Graça. Há lá uma tasca jeitosa com uma salada de polvo divinal. Um verdadeiro cochicho, em que por vezes alguém tem de se levantar para outra pessoa conseguir ir à casa-de-banho. Porque é cliente frequente e já conhece estas vicissitudes, senta-se, sempre que possível, junto à porta. Infelizmente nesse dia a salada de polvo já tinha acabado, à hora que chegara, mas não ficou mal servida com umas pataniscas de bacalhau. O empregado nem lhe dirige a palavra quando vem recolher o prato, um olhar de bom entendedor chega e sobra para saber que era altura de lhe servir o café, para rematar a refeição. Já com a chávena à frente, deixa-se ficar sentada, a olhar pela porta para a rua movimentada, enquanto remexe a colher na chávena de café. Não se deixa perturbar pelo burburinho na sala, demasiado pequena para alguma vez ser um restaurante. Revê o seu dia mentalmente, já antecipando o final. Suspira. O telemóvel vibra na mala. Mensagem de Carlos, a dizer que mais tarde vai passar nas compras. Apesar de tudo, é um bom homem. É só que...olha para as horas e quase salta da cadeira. Paga à pressa e sai a correr, já atrasada para receber uns clientes na agência. Essa tarde seria no escritório, onde entra afogueada. Mil desculpas, foi o trânsito, foi o caos da cidade, foi o sonhar acordada no rescaldo do almoço. Seguem-se quatro horas de assinaturas, telefonemas, emails e processamento de papelada. Incrível a quantidade de papéis necessária só para dizer que a casa de X vai passar a ser habitada por Y. Sai do escritório ainda atordoada pelo som dos telefones e das teclas dos computadores. Lá de dentro nem dá para perceber bem se é dia ou noite, se está a chover ou faz sol. É, de certa forma, desumanizante. Passa a correr pela porta da rua, já atrasada para ir buscar os miúdos. O acordo não escrito com Carlos é que quando ele passa nas compras ao fim do dia, ela trata dos miúdos à saída da escola. Encadeada pela radiação solar do entardecer, põe os óculos escuros de imediato. Trata-se de uma reação automática, para quem a clareza do dia nem sempre é fácil de receber. Quando chega ao portão da escola, já eles estão à sua espera. O mais velho pede logo para ir jogar computador a casa de um amigo.

- Oh pá, outra vez?

O miúdo levou a mal. Que tinha feito tudo o que ela tinha dito, que até tinha arrumado a porcaria do quarto no dia anterior, e agora merecia poder ir para casa dos colegas.

- A sério, mãe, vá lá...

A mãe hesita. É que o amigo vive lá naquele bairro chunga, e ela detesta que ele saia de lá já depois do escurecer. Mas o rapaz não larga o osso. Ela acaba por ceder.

- Vai!... mas quero SMS quando chegares, e outro quando saíres.

Antes de terminar a frase já o rapaz tinha dobrado a esquina. Contrariada e soturna, pega na mão da mais nova, que se deixa arrastar para casa com um olhar triste. Ficava sempre assim quando alguém na família discutia. Tenta animá-la, mas sem grande convicção, consequência do estado erodido da sua paciência. Quando entram em casa, Carlos já está a arrumar as compras. Repetem os gestos de preparação do jantar, seguindo o percurso habitual. Já puseste sal na massa? A mesa está posta? Diz aos miúdos para irem lavar as mãos. A refeição à mesa passa-se com normalidade. Exausta, faz o mínimo indispensável para levantar a mesa e senta-se no sofá com o telemóvel, enquanto Carlos acaba de arrumar a cozinha. Os miúdos estão no quarto, a fazer as coisas deles. Depois de passarem o dia inteiro na escola, a fazer tudo o que os adultos querem que eles façam, reservam-se o direito de fazer o que bem entendem, num espaço só seu. A gozar de um último reduto em que finalmente possam ser eles próprios, longe de uma sociedade autoritária que julga saber quais são as suas necessidades, vontades e sonhos. Carlos passa na sala e diz-lhe qualquer coisa, mas não capta realmente a mensagem. O cansaço, o Facebook e o simples desinteresse confundem-lhe a atenção. A passagem do tempo... sempre tão igual. Põe-se a pensar nas pessoas que conhece. As suas caras, os seus comportamentos, as manias de cada um. E nenhuma novidade. Vai olhando, sem ver propriamente, as imagens que passam rapidamente sob os seus dedos no ecrã do telemóvel. Inconscientemente, já só quer é dormir, mas enquanto o corpo não cai de exaustão a sua vontade não o carrega para a cama. Carlos ainda tenta trazê-la para o quarto, talvez na expectativa de um abraço. Sem motivação, devolve-lhe um insípido “Já vou”. Sem realmente se aperceber, ainda deixa pesar sobre as suas olheiras mais uma hora. Os miúdos, já a dormir, mantêm a casa em

silêncio. Quando os ossos lhe pedem encarecidamente por uma cama, também Carlos já dorme. Deita-se, sem alento nem glória. Amanhã é outro dia.

Capítulo 4

Nessa noite deixou-se ficar um pouco mais no bar, após o concerto. Também, pensou, que vou fazer para casa agora? Só dormir, e praticamente sozinho. Bebeu mais um golo da cerveja e foi juntar-se aos membros da banda que costumavam ficar, esses e outras aves noturnas que sempre preferem o aconchego da noite do que o encadear do dia. Estranharam ao início: Carlos nunca ficava. Mas garantiu-lhes que estava tudo bem, que só precisava de desanuviar um pouco a cabeça, de vez em quando. Rapidamente se adaptaram à sua presença, num contexto não musical. Nesse caso, o contexto era mais de conversa e bebida. Não precisa um homem de muito para estar bem. Às vezes basta trocar umas palavras, acompanhadas com cerveja, cultivando umas amizades ou simplesmente para afugentar a solidão. Talvez tivesse exagerado na cerveja, em todo o caso. Veio o caminho todo para casa, no carro, a tentar prestar muita atenção a tudo, a esfregar os olhos a cada trinta segundos. Se a polícia o apanhava estava feito. Mas não aconteceu nada. Estariam provavelmente nos copos, como ele tinha estado. E faziam muito bem. Por uma vez largar o distintivo e o dever, para ir praticar um pouco daquilo que esses prevaricadores todos fazem à noite. Divertiu-se. E não estava arrependido. Não arranjou lugar à porta de casa, claro. Não esperava outra coisa. Já ter de andar dez minutos com o contrabaixo às costas, ligeiramente bêbado e debaixo de uma chuva miudinha, não foi tão agradável. Mas sempre serviu para espevitar a cabeça. Só enfiou a chave na fechadura à terceira tentativa. Até já se ria sozinho. Conseguiu enfim arrastar-se para dentro de casa, onde reinava o silêncio. O que o surpreendeu, no entanto, foi encontrar uma luz acesa no seu quarto. Foi guardar o contrabaixo pé ante pé, não tivesse Andreia esquecido o candeeiro aceso, adormecendo, entretanto. Parecia ter sido isso mesmo, pois a luz manteve-se teimosamente acesa durante todo o tempo em que ele passou na cozinha e na casa de banho. Mas podia também ser que estivesse com insónias, e lia, por exemplo. Em breve iria descobrir. Quando entrou no quarto, a deslizar sobre as meias e com a cabeça a latejar, ela só levantou a cabeça e olhou para ele. Estava sentada na cama, muito direita, com o livro sobre o colo. Parecia calma, com um olhar assertivo, embora cansado. Há algumas horas que lutava contra o sono, mas estava determinada a fazer valer a vigília.

- Assim não dá – o tom era inconfundível. Foi remédio santo para ele. Ainda lhe doía a cabeça, mas ficou imediatamente sóbrio. Não falavam verdadeiramente há meses – Carlos...a gente já nem fode.

Ele ficou estupefacto, mas sensibilizado pela iniciativa. E a sentir-se culpado por não se ter mexido. Pela sua indolência. Parecia que o gato lhe tinha comido a língua. Ela continuou.

- Eu amo-te, Carlos. A sério que amo. Nunca pensei poder dizer isto, depois de todos estes anos juntos...a julgar pelas estórias das pessoas à nossa volta. Também me custa dizer que me sinto particularmente responsável pelo desenrolar das coisas, até ao momento em que estou aqui a ouvir-me dizer-te isto. Andei desorientada, amargurada, andei no fundo à espera de alguma coisa. Mas é como diz o povo, à espera morreu o burro. Preciso de resgatar a minha vida – pausou, observando os seus dedos sobre o livro. A seguir levantou o olhar para Carlos, que continuava exatamente no mesmo ponto entre as ombreiras da porta do quarto – Estive a refletir e sinto mesmo que algo precisa de mudar. Mas...eu sei que é uma arrogância exigir a mudança noutra pessoa. Reconheço a injustiça nisso, além de praticamente impossível. Se digo que te amo, é porque reconheço as partes que gosto em ti, e as outras que não gosto. E as coisas são mesmo assim. Tenho a certeza que me vês da mesma forma, se realmente deres um passo atrás e me observares a fundo. Sei que és um tipo dedicado. Às coisas em geral. À tua música. À tua família. E a mim, apesar das minhas distrações e humores. Mas o facto é que, sinto agora claramente...preciso de mais.

Andreia recorda, na penumbra do quarto, as quantas vezes já tinha prometido a si mesma que precisava de falar, de abrir o jogo e o seu coração, as mesmas vezes que recuara por preguiça, cobardia ou por alegada falta de tempo. Sente pesar em si o tempo, as discussões e a apatia, meses, anos a ignorar vontades de algo maior, mais abrangente. Olha para Carlos com um misto de cansaço e surpresa, por finalmente ter tido a coragem de abordar o assunto, animando uma certa esperança de não estar a fazer asneira. No seu peito, nota um aperto que já sentira nessas outras ocasiões, agora tornado mais forte por ter dado o primeiro passo frente ao desconhecido. Sente medo, mas também resolução em andar para a frente. Carlos, por seu lado, vai relaxando, depois de ter deslizado o rabo para a beira da cama, sentado quase imóvel, e ouvindo atentamente. Tudo. O ouvido do músico não serve só para as melodias, a harmonia e o ritmo. Serve também para ouvir corações.

- O tempo...nós temos pouco tempo, Carlos. As nossas vidas e responsabilidades, mais os miúdos...E não é só isso – pausou novamente, à procura de imagens. As imagens que traduzimos por palavras – Eu preciso de mais satisfação. Ah...quer dizer, não estou a dizer que, quando estamos juntos, tu não me satisfaças. É diferente. Não sei bem explicar. Mas sim, claro que também há um problema com sexo.

- Não gostas do meu corpo – a intervenção dele desconcerta-a. Não estava à espera que ele falasse. Pausa novamente, embora Carlos nada acrescenta, pensativo.

- Naa...não, não é isso. É só que há uma parte de mim que não está aqui. Uma parte que sonha...e fantasia. Que anseia por algo diferente. É claro que poderíamos, que deveríamos ter mais sexo. E eu sei que também aí tenho muita responsabilidade. Mas ando tão perdida...este stress. Carlos, preciso de me encontrar.

- Já venho – ele levanta-se para ir pôr os sapatos na marquise e lavar os dentes. Volta e veste o pijama, sempre a olhar para ela, mas sempre em silêncio.

- Não dizes nada?! – o desespero permeia a voz dela.

Ele senta-se ao lado dela, deixando cair o seu peso sobre a cama, enquanto fita a parede ao fundo do quarto. Ainda passam mais alguns penosos segundos.

- Claro que sim, tens toda a razão. Esta vida que levamos...a falta de tempo. Às vezes também me ponho a pensar nisso. Como isso nos distancia. Mas depois questiono-me como é que poderei fazer para ter tempo para tudo...a música, os miúdos, a vida amorosa contigo. É difícil. E também me entristece não te ver disponível. É estranho – gira a cabeça para a encarar de frente, reparando mais de perto nos seus olhos cansados e nos óculos de ler pousados displicentemente em cima do nariz – Depois sinto dificuldade em cortar na música. E não é apenas por uma questão económica. A música é um sonho tornado realidade para mim. Eu acho que morria se não pudesse fazer isto. Apesar das dificuldades em gerir as bandas, os concertos, as gravações, tudo isso...

- Eu não quero...atenção, eu nunca disse que queria, ou precisava, que tu parasses com a música. Pode haver questões pontuais, é certo, mas isso é uma das coisas que admiro em ti. Esse teu lado criativo, sensível...a tua dedicação à arte.

Pausam os dois. Ele demora-se a contemplar o candeeiro do quarto, ela tira os óculos e põe-se a limpá-los lentamente. Bocejam, quase ao mesmo tempo. O sono não perdoa. Mas resistem, corajosamente.

- Talvez se conseguíssemos tirar umas férias, parar um bocado... – ele interrompe-se. Os meandros dos detalhes em que começa a pensar para conseguir tirar as férias, a hora avançada e o sono impedem-no de considerar seriamente o assunto.

- Carlos, olha...eu estive a pensar – coloca os óculos, muito devagar, em cima da mesa de cabeceira – Eu sei que isto vai parecer estranhíssimo. E, já agora, não é só acerca de férias, ou de escapar durante uns dias. Feliz ou infelizmente, sinto que isto não tem escapatória. É mais profundo que isso. Eu preciso de me sentir...completa. – volta-se novamente para ele – Ou menos incompleta, pelo menos.

Andreia estica o braço e passa a mão pelo cabelo dele, passando também pela sua barba de duas semanas. Ele deixa-se percorrer e encosta-se aquela mão, como quem se chega mais perto da lareira para se aquecer.

- Eu não quero deixar-te...porque gosto mesmo de ti – ele abre os olhos, agora em genuína curiosidade. Ela mexe os lábios ligeiramente, a guardar as palavras que ali se inquietam. Mas já nada as pode parar – Mas...e se eu arranjasse um amante?

Ele limitou-se a ouvir, atordoado. A cabeça dele ainda latejava, enquanto recordava a mão no seu cabelo e barba. Aquela mão de mulher, no seu toque inconfundível e inebriante. Mais tarde viria a espantar-se em como é que naquele momento não sentira qualquer ciúme. Foi como se ele tivesse ido de carro para qualquer lado e, a certa altura, houvesse obras e aparecesse um sinal a dizer “Desvio”. Sem alternativa, só havia que seguir pelo caminho alternativo indicado pelo sinal. E para onde iria, seguindo por aí? Não sabia. Algures a contornar as obras no caminho, através de becos sem interesse. Ou poderiam surgir surpresas, paisagens inesperadas, toda uma nova viagem com um cheiro a aventura. Ela estaria certamente à espera de uma reação tempestiva da parte dele, ou de uma quebra abrupta para um estado de letárgica tristeza, já que mostrou considerável alívio ao assistir à reação dele. Porque afinal Carlos era um músico. Alguém que fala e cria a partir do coração. Sem pensar, foi tão somente esse coração generoso que o guiou.

- Noutras circunstâncias, talvez uma outra pessoa que não eu se indignasse com essa proposta. Mas não... – parou uns segundos, a auscultar os sentimentos – Admito, com alguma surpresa, que a tua ideia não me ofende. Diria até que soa razoável... Não sei exatamente se é do cansaço, da bebida, ou da música sempre nos meus ouvidos, mas o facto, e estou a ser completamente honesto, é que sinto um certo alívio. Agora que falas nisso, acho que punha em cima de mim próprio muito peso. Demasiado peso. Como se fosse o único responsável pela tua felicidade, querendo segurar um fardo nitidamente impossível de carregar – ela só o escuta, agora – e inútil, em grande medida, pois a tua felicidade depende de muitas coisas, sendo eu apenas uma delas. Tu é que sabes o que verdadeiramente precisas, e eu também não posso dar mais senão o que tenho dentro de mim. Não sou o Super-Homem, nem quero ser. É só pena que até agora não me tenha apercebido o quanto me estava a esforçar por ser. Em vão, claro – boceja novamente, virando a cabeça para ela – Quero que sejas feliz. Também quero ser feliz. Faz parte da condição humana. Sei que estou a arriscar muito, mas estou disposto a seguir por este desvio... Também nunca fui de seguir a direito pela vida.

Ela sorriu a custo, e um brilho de admiração e amor passou-lhe pelo olhar. Ele não tinha mais nada a acrescentar e sentia que, mesmo que quisesse, não tinha energia para proferir mais palavras. Andreia também não sentiu a necessidade de ouvir ou dizer mais nada. Segurou-lhe apenas na mão, sentindo os seus calos de baixista, e voltou a acariciar-lhe a barba. Estavam demasiado cansados para fazer amor, mas enroscaram-se bem encaixados debaixo do edredom, trocando carícias até adormecer.

Capítulo 5

Andreia levanta os olhos do livro e não aguenta a força da luz. Com o Sol no zénite há que ter cuidado. Põe a mão sobre as sobrancelhas, em forma de pala. Percorre com atenção o seu ângulo de visão, mas não vê Jonas. Este ano tinham decidido pagar-lhe umas aulas de surf. Ele gostava, e não saía excessivamente caro. Além disso, era uma forma dele queimar umas calorias durante um par de horas, em cada dia dessa semana de férias, sem que eles tivessem de se preocupar onde ele estava. Não o vê imediatamente, mas não há razão para alarmes. Olha para o lado, Carlos está a dormir ao Sol, ainda molhado do banho. Dá-lhe uma palmada ao de leve na nádega.

- Vou buscar o Jonas à aula de surf. Neste momento não o vejo, eles devem ter-se movido por causa das ondas. Mantém aí um olho na Célia. Já venho.

Carlos emite um grunhido enquanto se volta ao contrário e se apoia nos cotovelos. Passadas umas semanas desde aquele momento em que Andreia abrira o jogo com ele, estava a começar a compensar em bronze o que fora um ano praticamente sem exposição solar. Nessas semanas tinham, ao contrário dos últimos anos, parado bastante para falar, para verbalizar o que andavam há tanto tempo a varrer para debaixo do tapete. Novidades não havia muitas, para além do que ambos bem recordavam das suas vidas em comum, mas servira para se compreenderem melhor e aprofundarem as suas posições. Principalmente, para interiorizarem que a sua vida estava em vias de mudar radicalmente, com ambos bem conscientes desse facto.

Por entre as frinças das suas pálpebras vê Célia, a brincar com os amiguinhos da praia, mesmo à sua frente. Sente o Sol a tostar-lhe a testa e o peito. Entretanto Andreia já desaparecera por entre as pessoas, à beira-mar. Por entre baldes e bolas das raquetes, ela ziguezagueia até encontrar a bandeira da escola de surf. A aula terminava nesse momento e Jonas vinha a arrastar a prancha para fora de água, com um ar chateado. O instrutor vinha ao lado dele, sorridente. Chegados à frente de Andreia, o rapaz atira com a prancha para o chão e começa a despir o fato.

- Jonas, é na boa...amanhã vais conseguir, a sério – o instrutor tenta puxar-lhe a moral para cima – Também estas ondas às vezes são demasiado pequenas e não puxam o suficiente. É aí que vocês ficam um bocado parados, o que é normal. Mas olha, descansa

que amanhã vai estar melhor, já estive a ver na Net – dá-lhe umas pancadinhas no ombro, enquanto se endireita da posição de cócoras em que estava enquanto falava com ele. Ao levantar-se, dá de caras com Andreia.

- Ah...olá. O Jonas, pois, ele está assim porque hoje isto está um bocado “flat”, mas garanto-lhe que ele está a fazer progressos – passa os olhos treinados pela frente de água, a controlar a saída dos outros miúdos – Em todo o caso é como lhe disse, o mar amanhã vai estar melhor, já andei a...

- Eu sei que amanhã vai correr melhor – Andreia tira os óculos escuros que trazia, também para, secretamente, conseguir ver com mais nitidez os contornos do corpo do instrutor. Mais velho do que ela, certamente, mas nitidamente em forma. Observa-o enquanto ele recolhe os restantes miúdos, ajudando-os com os fatos e as pranchas. Os ombros largos, os peitorais abertos. Óbvias consequências de estar sempre a remar sobre a prancha. De olhos colocados em baixo, a tentar disfarçar, observa os pés do professor, patudos e da cor do mel, a revolver a areia enquanto ele se atarefa à volta dos miúdos. Repara também nas suas nádegas, pequenas, mas redondas, bem encaixadas entre umas coxas possantes e as costas largas. Vê também a incontornável cicatriz na bochecha, a atravessar a maçã do rosto até ao nariz, deformando-o ligeiramente, numa linha torcida, mais clara, contrastando com o rosto bronzeado. Gostava de conseguir fazer conversa, mas está sem ideias. E nervosa. Uma coisa era tomar uma decisão radical na sua vida, outra era pô-la em prática. Além disso, Jonas já estava à sua espera.

- Eh, mãe, para o que é que estás a olhar? Vamos andando, mazé – o rapaz puxa-a pelo braço – ‘Tou a morrer de fome.

- Ah, sim...vamos, vamos – Andreia ainda localiza o instrutor, uns metros mais acima na areia, a carregar com as pranchas. Ele repara nisso e devolve-lhe apenas um largo sorriso, impedido que estava de mover as mãos. Ela acena-lhe, sentindo-se uma idiota – Pois... vamos, Jonas. Eu também já não estou a ver bem as coisas, com a fome.

O resto do dia, para Andreia, foi como um sonho acordado. Sim, andava pelos sítios, mas sempre distraída. Carlos até achou divertido, uma vez que ela costumava ser tão pragmática. Perguntou-lhe, no gozo, se não teria apanhado uma insolação. Depois do

jantar, foram os dois caminhar à beira-mar. Uns amigos de longa data de Carlos estavam de passagem e ficaram com os miúdos no bar da praia, junto com os deles. Praticamente empurraram-nos para que dessem uma volta juntos.

- Dass...se não viéssemos, ainda nos batiam – Ao chegar à areia, Carlos baixou-se para tirar os ténis, sentindo o toque frio da areia húmida. Levantou-se e começou a caminhar com os sapatos pendurados ao ombro, amarrados um ao outro pelos atacadores. Andreia arrastava as sandálias pela areia, solto o corpo por detrás do leve vestido comprido. Sem proferir palavra, conduziu Carlos colocando o seu braço à volta do dele. Este olhou para ela de lado, na obscuridade do lusco-fusco, num meio sorriso. Ocorreram-lhe, novamente, perguntas que vinha fazendo a ele próprio, secretamente, nas últimas semanas. Quem era, verdadeiramente, aquela mulher a seu lado? Que pretendia ela realmente, com aquela estória do amante? Seria uma espécie de prova? O silêncio dela, imperturbável, convidava-o à reflexão, à ruminação de uma série de questões para as quais não tinha resposta. A escuridão da noite adensava-se, à medida que os seus passos faziam caminho junto à linha de água, intercetando as suas idas e vindas aleatórias. Mais serena, Andreia aninhou-se no corpo ao seu lado, estendendo o braço à volta da cintura dele, e encostando docemente a sua cabeça sobre o seu obro. Acolhendo-a, Carlos passa o seu braço esquerdo à volta dos ombros dela. Se aquilo era namorar, já nenhum deles se lembrava da última vez que o tinham feito. Mas ambos sentiram que não era tarde para recomeçar.

Andreia marcava a cadência daqueles dias de férias pela hora de ir buscar Jonas à aula de surf. Obviamente que o rapaz não precisava que ela lá fosse, mas era uma boa desculpa. Além disso, tinha o consentimento tácito de Carlos. Aparecia, e demorava-se a percorrer com o olhar os contornos do instrutor. Impossível que ele não reparasse. Em todo o caso, ela não fazia grande esforço em disfarçar. Mas não conseguia evitar uma pontada de nervos. E se ele não estivesse interessado? São muitos anos sem chegar perto de alguém diferente, e uma pessoa desabitua-se. No penúltimo dia, Carlos também quis ir.

- Pá, sim...porque não? – perguntou, enquanto enxaguava o corpo rapidamente, depois de um mergulho – Pego também na Célia, e vamos todos. Vamos lá conhecer esse surfista.

Andreia vacilou, sem conseguir encontrar argumentos. Não planeava separar-se da família, mas o constrangimento era óbvio. Como poderia assumir a situação? Não tinha tempo para pensar muito no assunto, pois Carlos e Célia já iam de mão dada à sua frente. Decidiu que depois pensaria nisso, e deixou-se ficar um pouco atrás, a fingir distanciamento e desinteresse. Ao chegar ao sítio, pôs-se a olhar para o mar e para as pessoas à volta, mantendo-se, no entanto, bem à vista do grupo. No fundo, só queria que o instrutor reparasse nela.

- Jonas, agora não te esqueças, tens mesmo de arranjar uma prancha e pôr o teu pai também a surfar – o instrutor, bonacheirão, mete-se na brincadeira com Carlos.

- Oh pá, calma aí! Eu é mais notas...acho que se fosse para cima de uma coisa dessas ainda partia um pulso, ou assim, e depois seria um problema para ensaiar – Carlos estava bem-disposto, e facilmente aceitou à provocação. Já não se sentia assim tão bem, aliás, em muito tempo.

- Pulsos? Naa...nós no surf é mais partir cabeças – Aproveita para levar um par de pranchas em cima da cabeça, arrumando-as junto à bandeira da escola – mas, mesmo assim, garanto-lhe que é raro.

- Bora lá, Jonas – Carlos esfrega carinhosamente o cabelo molhado do miúdo – Agora tens de te preparar para o exame final do curso de surf...e tentar não partir a cabeça!

- Vá...então até amanhã – o instrutor atira um adeus genérico com um movimento arqueado da mão, olhando de soslaio para Andreia, uns passos mais adiante. Hesitou em ir lá falar-lhe, mas os restantes miúdos e as pranchas não lhe deram tempo para pensar. Pensar, aliás, não era o que mais lhe apetecia fazer naquele preciso momento. Era deixar fluir, algo bem mais próximo e natural da sua alma surfista.

Último dia do curso de surf. Andreia está sentada na cadeira de praia, parcialmente coberta pela sombra do chapéu de Sol. Carlos está, por coincidência ou não, a brincar com Célia mais à frente, à beira-mar. Estão completamente entretidos na brincadeira, pelo que ele nem voltou a cabeça para ver se ela já se tinha levantado para o passeio habitual até à bandeira do curso de surf. Andreia olha à volta, a ver se tem coisas de valor à vista. Curiosamente, repara que Carlos não trouxe carteira. Ali, de facto, parece não fazer falta.

Outra daquelas coincidências, à qual não dá muita importância. A sua preocupação agora é outra. Pelo sim, pelo não, leva consigo a sua própria mala, e os imprescindíveis óculos de sol. Não a larga aquela sensação incómoda das borboletas no estômago. Acontece muitas vezes quando sabemos que temos de fazer uma coisa, mas sentimos medo de a fazer. Remói a sensação enquanto chapinha com os pés à beira de água, evitando olhar para as pessoas, mesmo escondida por trás dos óculos escuros. Há uma parte de si que ainda sente vergonha por aquilo que quer fazer. Uma outra parte que tem medo de ficar sozinha. Mas continua em frente. Chegada à bandeira do curso, não vê ninguém. Chegou cedo. Varre a beira-mar com o olhar e, de facto, lá está o grupo de fatos pretos, amontados sobre as ondas. Não distingue muito bem, àquela distância, os miúdos uns dos outros, mas reconhece perfeitamente o recorte de ombros do instrutor. Aquela marca de homem que nunca falha. Ele anda sem prancha entre os miúdos, de água pelo peito, a ajudá-los nas manobras e a dar indicações. Ela senta-se ao lado da bandeira, à espera que o grupo saia da água e a ganhar coragem. Sente o coração a bater mais depressa, e mais alto. Aproxima-se do derradeiro momento. Ao ver os primeiros miúdos a saírem da água, levanta-se de um pulo. Dá-lhe uma pontada no estômago. O que é que lhe vai dizer, exatamente? Na sua cabeça uma branca impenetrável, de tão vazia. Antes que pudesse acalmar-se, já os miúdos estão todos juntos ao pé da bandeira, sorridentes e tristes ao mesmo tempo. Tinha sido a última sessão do curso de surf, do qual todos tinham gostado. O instrutor ia distribuindo palavras de incentivo, e de parabéns. Tinha sido todos fantásticos.

- Jonas, de uma próxima vez vê se trazes a tua mãe para fazer o curso de surf. Tenho a certeza de que ela vai adorar – acrescentado, num inocente requinte de malvadez – Se aguentar até ao fim...

Ela não responde, limitando-se a tirar os óculos da cara, só para ter alguma coisa para fazer com as mãos. Ainda se inclina no sentido de ajudar Jonas a tirar o fato, mas o rapaz faz-lhe ver claramente que não precisa, o que adensa a sua sensação de inutilidade. Sente vontade de desistir. Fica a olhar, atrapalhada, para a algazarra dos miúdos e para o instrutor no meio deles. Jonas vai secando o cabelo com a toalha. Sente o tempo a escoar-se. Há algo em si que não se mexe, que não quer, que... não sabe o que é. Apetece-lhe voltar para trás e não pensar mais no assunto... e ver-se livre daquele maldito formigueiro nas entranhas.

- Boas...acho que no fundo não nos apresentámos. Sou o Jorge – o instrutor coloca-se discretamente ao lado de Andreia, enquanto os miúdos falam uns com os outros, na despedida do curso. Foi como um copo de água no deserto, que ela bebeu de um só trago. Volta a focar a vista, recuperando a sua capacidade de falar. Primeiro com Jonas.

- Jonas, vai andando, por favor. Sabes onde ficámos, o teu pai ainda lá está. Tenho aqui um par de coisas para falar com o Jorge.

- Iá, mãe. ‘Té já – o rapaz está bem-disposto. Tinha surfado, tinha feito boa figura perante as meninas. Que mais poderia querer um rapaz? Afasta-se calmamente, com a toalha ao ombro. Andreia volta-se para o instrutor, enquanto os miúdos dispersam após o adeus.

- Olá Jorge...chamo-me Andreia – e aproxima-se dele para os dois beijinhos da praxe. O formigueiro na sua barriga volta a chamar à atenção, mas agora com excitação a juntar-se ao caldo de emoções.

- Ia propor irmos tomar um café – Jorge fala de modo casual, como se eles fossem velhos amigos – só preciso de pôr as pranchas na carrinha e tirar este fato, mas de resto, tudo na boa.

- Sim...pode ser – Andreia responde automaticamente, levada pelos acontecimentos. Fica a observá-lo a transportar as pranchas, os gestos rápidos e precisos para quem uma prancha é um objeto tão familiar como uma camisola favorita. Mais lá para trás, junto ao parque de estacionamento, ele despe o fato e veste os calções sob a porta aberta do porta bagagens da carrinha. Ela, entretanto, subira as escadinhas de acesso ao bar da praia, e sentara-se à frente de uma mesa de forma a conseguir vê-lo. Ele passa a toalha pelas pernas, ombros, cabeça e nádegas, estas últimas com os pelos que ele não se esforça por ocultar. Em todo o caso, também não estaria a esconder nada de anormal. Enquanto espera, Andreia consulta o telemóvel, a ver se Carlos terá dito alguma coisa. Nada. Lembrou-se então que ele não tinha trazido nada para a praia a não ser a roupa, os chinelos e a toalha. Voltou a pôr o telemóvel na carteira, sorrindo. Sente-se grata pelo destino, ou a Natureza, ou o Universo, lhe ter trazido de bandeja aquele homem, aquele músico tão generoso.

- Peço então os cafés? – a súbita sombra sobre a sua face desperta-a dos seus pensamentos. Jorge está de pé, com a mão apoiada na mesa, a tentar localizar o empregado. Andreia murmura um sim, intimidada com a sua proximidade, descontração e a tentar compor, sem

sucesso, o seu cabelo. Assim que Jorge estabelece contacto visual com o empregado, um conhecido seu de longa data, faz-lhe o sinal para duas bicas. Para bom entendedor, um gesto simples basta. Finalmente ele senta-se à frente dela, observando-a agora em maior detalhe. Na praia há muita gente, e uma pessoa que passe bastante tempo na praia, como ele, vê muita coisa. Muitas mulheres. A maior parte só quer mostrar-se. Isso não é bom nem mau. É só algo humano. Toda a gente quer ser vista, e apreciada. Já tinha tido encontros, claro que sim, mas ficava com aquela sensação estranha de ser apenas mais um corpo para essas mulheres que, no fundo, não se apaixonaram por ele. Com a sua idade, já não se sentia com paciência para paixonetas adolescentes, por melhor que fosse o sexo.

- O teu rapaz é muito fixe, o Jonas – não tinha pressa. Movia-o a curiosidade e a esperança de que esta mulher fosse diferente das outras. À primeira vista, parecia convencional. Trazia um fato de banho de corpo completo, nem pequeno nem grande demais, um parêu barato de corres garridas, um chapéu de palha que parecia ter sido da avó e uns óculos escuros de marca. As unhas pintadas na esteticista, sobre um bronzado típico da época. Tudo normal para uma mãe de família da sua idade. Ele também não procurava ninguém particularmente exuberante, ou excêntrica. Apenas alguém que se apaixonasse por si, e que ele pudesse amar. O básico das relações humanas.

- Sim, ele está enorme...mas confesso que, para mim, ele será sempre o meu menino – por esta altura já tinha desistido de tentar ajeitar o cabelo – Já sei, é típico de uma mãe galinha.

- A minha mãe sempre me apapricou, e nem por isso fiquei mimado – chega o empregado com os dois cafés. Jorge agradece-lhe com um piscar de olho – Para a minha mãe fui, sou e sempre serei um rapazinho. Foi a vida que me tornou um homem.

Sentia-se à vontade com esta mulher, uma mãe galinha auto-assumida. Mas havia, naturalmente, a questão familiar a esclarecer. Ao perceber que ela não desenvolvia, continuou.

- Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

- Uh...sim, claro.

- O que é que ele acha disto?

- Pois, eu sabia que essa pergunta haveria de aparecer...só não estava à espera que fosse tão cedo – ele só espera, pacientemente. Todos os surfistas aprendem a esperar – Eu falei com ele. Nós falámos. Eu nem acredito que estou a fazer isto...Bom, não é que eu soubesse que o ia conhecer...uh, que te ia conhecer. Simplesmente chegou a uma altura em que não aguentei mais. Aquela rotina, os miúdos, uma vida tão insossa...é difícil, também, com o tempo que temos. Ou melhor, que não temos. Bem, em boa verdade não estou bem a ver como é que poderemos mudar a questão do tempo, mas sinto que sem um elemento de aventura esta vida torna-se insuportável – Jorge vai bebericando o seu café, enquanto o dela arrefece – Ele foi tão...fixe. Estava à espera, sei lá, de um pedido de divórcio, ou assim. Uma cena de ciúmes, alguma coisa. É claro que me preocupava a questão dos miúdos, mas será que eles iriam beneficiar de uns pais a viver desfasados, desconectados um do outro? – Jorge nunca tinha casado, nem tinha filhos, mas acenava ligeiramente com a cabeça, compreendendo tanto quanto lhe era possível – A parte que mais me impressionou foi quando ele disse que no fundo sentia alívio. Por saber que eu o amava, mas que ele não era o único responsável pela minha felicidade.

Andreia falava com o olhar fixo em Jorge, mas assim que se calou desviou os olhos. Sentia-se constrangida por estar a falar de coisas tão íntimas com este homem que acabara de conhecer, praticamente um estranho. Mas algo a impelia para ele, estreitando a distância rapidamente. Inegavelmente, se alguma coisa parecida com uma aventura tinha de acontecer, Jorge era a pessoa indicada. Debatia-se, no entanto, entre a vergonha e a excitação, não conseguindo acrescentar nada a não ser um sorriso afetado.

- Juro-te que nunca ninguém me contou o que me acabaste de dizer – ele pousa a chávena lentamente – Obrigado por me teres confiado essa partilha tão íntima. O mínimo que posso dizer é que exige coragem. Confesso-te, da minha parte, que também já andava um bocado farto daquelas relações de circunstância...em que não há uma verdadeira partilha. Da alma, digamos. Sim, elas vêm. Há algum contacto. Há sexo. Mas logo reparo que não há um verdadeiro interesse em conhecer-me, nas minhas partes boas e más, em dar-se a esse trabalho. É normalmente aí que elas se vão embora – desvia o seu olhar de Andreia para a distância, onde os pássaros rasam a falésia, seguindo o ar quente que ascende – E eu fico novamente sozinho.

Andreia finalmente dá conta da chávena de café à sua frente. Detesta café frio, mas dá-lhe um par de golos, por respeito. Olham agora um para o outro, enquanto o peso das últimas palavras de Jorge se desvanece no ar. Ela acode a preencher o vazio.

- Amanhã já vou trabalhar... os miúdos ainda ficam no ATL mais uma semana, antes das aulas começarem, mas é isso. Volto à rotina – observa agora os seus próprios dedos, cruzados à volta da chávena. E a mão acastanhada de Jorge apoiada sobre o seu braço. As borboletas na barriga fazem eriçar várias áreas com pelo no seu corpo.

- Eu ando quase sempre por aqui. Sou gerente de um pequeno hotel na vila, por onde passam estudantes, surfistas e turistas errantes – acaricia lentamente o braço de Andreia, enquanto os dedos desta se agarram tenazmente à chávena – Mais para o Verão organizo estas coisas das aulas de surf para os miúdos e, de vez em quando, dou uma ajuda nos campeonatos de surf que por aqui passam, mas a maior parte do tempo estou na vila, a tratar dos clientes e a mudar as toalhas ou assim – mostra a Andreia um largo sorriso, ao qual falta um dente numa das extremidades – Embora, claro, uma horita de surf matinal seja sagrada.

- Apesar do que disse há pouco, também não estou interessada em paixonetas de Verão – nervosamente, descola a mão direita da chávena e passa os dedos pelo braço alourado de Jorge – Mas confesso não saber exatamente o que fazer...estou um pouco perdida, de momento. Há questões... – interrompe-se ao perceber que as suas mãos estão agora enlaçadas, a conhecer-se mutuamente.

- Para mim não há muitas questões. Não quero impor nada, nem atrapalhar coisa nenhuma...aliás, se esta for a última vez que nos vemos, sinto que já ganhei alguma coisa especial.

- Não, isso não... agora não há retorno, parece-me. Eu... – retira a mão de cima da mesa para remexer na carteira, à procura do telefone – Tenho é de ver as horas. Raios! Tenho de ir ter com eles. Mas a gente encontra-se à tarde, pode ser? Queria mesmo continuar esta conversa mais um pouco... - e levanta-se, arrastando com a cadeira.

- Sim, claro, sem stresse. Eu estava com a ideia de dar um pulo à vila, a ver como estão as coisas com o meu sócio, mas também posso ligar-lhe e dizer-lhe que vou mais tarde – levanta-se, calmamente – Não há problema, fico por aqui à tua espera.

- Sim...até já – despachada, pega na sua mala, hesitando a pensar nos trocos para o café, mas o olhar sereno de Jorge comunica-lhe que essa parte está controlada. Andreia sorri e aproxima-se dele, antes de sair em direção às escadas, pousando-lhe a mão no pescoço. Nesse mesmo movimento, assenta-lhe um beijo rápido nos lábios. Curto, curtíssimo, seguindo de imediato o seu caminho. Jorge fica ali de pé, a olhar para os trocos em cima da mesa, ainda a tentar perceber o que tinha acabado de acontecer.

Regressou, quase a correr, para o apartamento na vila, onde Carlos estava a almoçar com os miúdos. Alugavam aquele apartamento todos os anos, mais ou menos por aquela altura, ao proprietário seu conhecido que lhes fazia um preço especial. Suspirou de alívio, ao entrar no apartamento, e respirar um ambiente de boa disposição. Carlos tinha dado conta do recado, e os miúdos deleitavam-se com uma pasta muito simples com pesto, cogumelos e tomate cherry. Estavam os três bronzeados, a cheirar a sal, e sorridentes.

- Mãe! – a mais pequena salta da cadeira e vem abraçar a mãe. Ambas recuperam das saudades de um par de horas.

- Estou a ver que isto aqui está tudo orientado – chega-se à beira da mesa, a cheirar o resto de esparguete que ainda iria comer – E, ainda por cima, parece que não se esqueceram de mim...apesar de eu não ter mexido uma palha – piscando o olho a Carlos, que lhe devolve na mesma moeda – E tudo graças ao superpai de serviço, o Sr. Dr. Carlos!

- Oh pá, super só se for o do mercado, onde fomos às compras – pisca de novo o olho a Andreia – Porque isto é almoço para as massas... se é que me faço compreender.

Estavam a ver perfeitamente, só não mostraram muito porque nesse preciso momento estavam todos a enfiar na boca rolos de massa envolta em pesto. O momento, para além disso, era de leveza e descontração, como há muito não gozavam em conjunto. Por entre os ruídos típicos da mastigação e do remexer dos talheres, trocavam gracejos e pequenas estórias. O ser humano não é difícil de contentar: havendo boa comida e boa companhia, regra geral há condições para a felicidade. Particularmente quando se deixa o tempo passar por si próprio. Terminada a refeição, os miúdos correram logo porta fora para ir brincar com os seus amigos de Verão, deixando os pais a levantar a mesa e a arrumar a loiça.

- Carlos...agora de tarde vou dar um passeio pela praia – disse-o de forma hesitante, ainda não habituada a expressar devidamente as suas necessidades.

- Eh pá, força nisso...mas eu tenho mesmo de arrochar um pouco agora a seguir – vai pondo os copos e pratos na máquina, preparando-a para mais um ciclo de lavagem – Tem mesmo de ser, sabes como é.

- Claro que sei como é – Andreia di-lo como em hipnose, fixando-o enquanto ele se move, lânguido, no sentido de ir buscar a pastilha para a máquina. Acompanha as suas mãos, compridas e delgadas, na extremidade de fortes braços, adaptados ao contrabaixo. Segue a sua cintura, vincada pelo fato de banho, e o tufo de cabelo grisalho e desgrenhado, coroando a cabeça bronzeada. Carlos não diria que esses seus atributos físicos fossem atraentes para alguém, mas eram-no para Andreia naquele momento. Estava, portanto, demonstrado que as leis da atração são tudo menos o que é passado nos filmes de Hollywood, por mais vistosas que sejam as mulheres de vermelho e mais galantes os James Bond deste mundo. Ele, aliás, nem reparou como ela se aproximava, sorrateira, na sua direção, enquanto fechava a máquina e carregava no botão. Surpreendeu-se quando ela enrolou os braços em torno da sua cintura, e começou a esfregar-se nas suas pernas.

- Oh pá, lá se vai a minha sesta...

Cumprida a tarefa de arrumar a loiça, Carlos esfregava agora as suas mãos nas coxas de Andreia, sentindo algo a brotar do seu fato de banho. Por entre carícias e beijos, levantou-a para que se sentasse no balcão da cozinha. Foi fácil livrarem-se dos fatos de banho e restantes acessórios. Afogueados, percorreram o balcão e o chão da cozinha, em posições várias. A testemunhar o ato amoroso ficaram os talheres, os armários de cozinha e a máquina de lavar em funcionamento.

Jorge esperava por ela junto à carrinha. Estava um calor desgraçado, mas não se importaram. À beira-mar sempre passava uma brisa húmida mais fresca. Não havia propriamente um plano, somente estarem juntos e caminharem. Andreia contou-lhe algumas estórias da vida de agente imobiliária. Algumas verdadeiramente divertidas, outras que davam para rir, de tão bizarras. Sempre a andar, descalços, trilhavam juntos a beira-mar, a ver as linhas de pegadas de outros caminhantes, interrompidas pelas ondas

deitadas na areia. Do seu lado, ele partilhou também situações passadas no hotel, algumas confusões com os estudantes, momentos difíceis. E certos amanheceres sobre as ondas, visões únicas, guardadas naquela mesma praia. Passaram a zona dos nudistas e, inconscientemente, ficaram mais reservados. Talvez se tivessem apercebido mais claramente que só numa sociedade doente e desequilibrada podem pessoas ser colocadas à margem, apenas por se sentirem bem nuas na presença de outras pessoas. Deram as mãos.

- Amanhã voltas para o hotel? – Andreia balouçava o olhar, seguindo o movimento da sua mão, entrelaçada com a de Jorge.

- Agora durante a próxima semana ainda vou estar mais aqui pela praia, porque ainda tenho uma semana de curso com os miúdos. Vou ao hotel, claro, no fim do dia, mas de resto... – perdeu o fio à meada, ao reparar no sorriso dela, do qual se soltou um riso contido, aparentemente por nada que ele tivesse dito. Intrigado, ele questiona – Que foi? Disse alguma coisa?

Ela parou, ficando ambos estacados com os pés metidos na água. Ficou uns segundos a contemplar os dois pares de pés, enquanto Jorge tentava perceber alguma coisa. Finalmente, Andreia levantou a cabeça, virou-se para ele e disse-lhe com os olhos muito abertos:

- Tu sabes que eu não te vou largar, não sabes?

O forte bronzeado de Jorge disfarçava a cor emprestada pelo sangue que lhe ascendia às bochechas, mas nada pôde fazer pela sua garganta, que se recusava a reagir. Que estaria ela a dizer-lhe? Seria uma espécie de ameaça? Um fatal destino? Ou uma velada declaração de amor? Enquanto ele se debatia com questões existenciais, Andreia acariciava-lhe o pescoço. Ascendia com a mão pela bochecha, até roçar a cicatriz. Foi aí que ele se retraiu.

- Ops... se calhar estou a ir depressa demais. Desculpa.

- Não, é só que... faz-me impressão na cicatriz. É esquisito.

Mas Andreia já não o ouvia. Fixava-lhe os lábios, como se de um alvo se tratassem. Estreitava-se o seu campo de visão, enquanto Jorge naturalmente se ajustava ao seu olhar, baixando ligeiramente o pescoço. A clareza da cicatriz parecia rasgar todo o espaço à frente de Andreia. Agora que ela lhe segurava a cabeça, com a mão bem em cima da linha

de pele cicatrizada, já nenhuma impressão esquisita ocorria. Jorge sentia-se a deslizar para o inevitável. As peles sensíveis dos lábios tocaram-se, e foi como se o mundo à volta desaparecesse. Atrás dos lábios entraram as línguas, à procura de contacto, e sempre sedentas. Não será por acaso que comemos e beijamos com a língua. É o único órgão do corpo humano capaz da proeza de sentir textura e sabor ao mesmo tempo. Sobre a praia quase deserta, beijavam-se sob o calor intenso do fim do Verão, a saborear-se mutuamente enquanto a água fluía sem esforço à volta dos seus pés. Continuavam a caminhar, de braço dado, à volta da cintura, a experimentar posições como adolescentes. Sentaram-se na areia, observando-se, tocando-se, longe dos olhares da multidão, no horizonte da praia.

- E se fôssemos à água? – foi Andreia que lançou a provocação.

- Queres? Eu tenho os calções, mas parece que tu não trouxeste o fato de banho...

- Oh, fato de banho... – Andreia tirou os óculos, mirrando de imediato os olhos, mas sem os desviar dos brilhos refletidos na superfície da água – Sabes que mais? Que se lixe o fato de banho!

E começou a despir-se, sob o olhar arregalado de Jorge.

- Vá, não fiques aí especado...vamos para a água! – picado pela urgência na sua voz, ele despiu a T-shirt num ápice e viu-se livre dos chinelos. Na força do hábito, não tocou no fato de banho – Ah, nã, nã...tiras isso também. Que eu não vou para a água nesta figura sozinha! – e esperou que ele tirasse os calções, agora mais lentamente, aos saltos e aos risinhos – Nem acredito que estou a fazer isto...

Correram para a água. Fria no primeiro embate, mas no meio da excitação nem se importaram. Não pretendiam ficar de molho, em todo o caso, apenas passar-se completamente pela água na sua nudez integral. Para se sentirem um ao outro dentro de água. Entre dois setes de ondas, aproximaram-se para um abraço. Ela sentiu de imediato o membro dele, a roçar as suas pernas.

- Teremos tempo para isso – e acerta-lhe com outro beijo na boca, antes de mergulhar numa onda. Ao levantar a cabeça da água, volta-se para Jorge, uns metros atrás. Embora ele nada tenha respondido, ela sente necessidade de justificar – Acredita que também quero, mas aqui na praia...não sei...não me sinto capaz.

Foram fazê-lo para a carrinha de Jorge, que a estacionou numa zona recatada por trás da duna, há muito abandonada pelos veraneantes. O facto de ter estado com Carlos umas horas antes não lhe tinha retirado o apetite, nem a energia. Pelo contrário. Andreia estava completamente ao rubro, sentindo-se com dez anos a menos. Aos saltos, a arfar, com a carrinha a abanar a cada investida. Entraram de qualquer maneira na caixa da parte de trás, e fizeram-no sem freio, a suar em bica dentro do forno, ao sol. Jorge já só olhava para ela, completamente perdida no prazer, de boca entreaberta, da qual escorria um fino fio de baba. Quando pararam para pôr o preservativo, ele mal conseguia tocar naquilo, de tão inchado e sensível. Retomaram o ritmo, só parando depois de Jorge expulsar as lágrimas de faces crispadas e olhos cerrados com força, como que a tentar conter um prazer incontrolável. Ela ria-se, banhada em suor. Ficaram abraçados, expulsando todo o ar entre os seus corpos, enquanto estes se acalmavam e recuperavam o fôlego. Só então abriram os olhos e se descolaram, começando a procurar as respetivas peças de roupa. Apesar de serem quase cinco horas, estava ainda um calor abrasador.

- Estás bem? – Andreia secava-se com uma das toalhas que encontrara por entre as tralhas na carrinha – Acho que fiquei toda negra...

- Estou...à procura dos calções. Mas sim, credo...ainda estou a recuperar – às apalpadelas por baixo de duas pranchas de surf, encontrou finalmente os seus calções – Este carro já viu muita coisa, mas nunca tamanha sessão de aeróbica neste cubículo. Meu, a sério...

- Quando era nova também fiz duas ou três dentro de carros, mas nada que se pudesse comparar com isto...a sério, digo eu.

Ainda deram um último mergulho no mar, antes de Jorge a levar até à vila. Para afastar o calor, o suor e a sujidade da carrinha, e levar consigo o sal e alguma areia. Beijaram-se ao chegar à porta do prédio, onde Carlos e os miúdos já deveriam estar a essa hora, antes de Andreia abrir a porta do carro. Teriam de vagar o apartamento do segundo esquerdo no dia seguinte de manhã.

- Ligo-te assim que puder – Andreia olhou nervosamente pela janela da carrinha, na diagonal, para a marquise do apartamento de férias – Isto também não é longe.

- Estás completamente à vontade, Andreia – pelo tom de voz, Jorge tinha a intenção de ser levado à letra – Comigo, é mesmo na boa.

Ela virou a cara para ele, subitamente muito séria.

- Eu percebi isso. E é precisamente por isso que não te vou largar.

E saiu da carrinha, disparando um beijo soprado, à distância da porta do prédio. Enquanto ele arrancava com a carrinha, com um sorriso nos lábios, ela tocou à campainha.

- Mas olá, senhora dona Andreia! – Carlos abre-lhe a porta de braços abertos – Viemos ajudar a arrumar as coisas para sair amanhã, certo? Isto está um bocado caótico, de momento.

Apesar do aviso à navegação, o ambiente leve e descontraído do almoço ainda perdurava, embora agora com um toque a tristeza, na despedida do Verão. Ela abraça-o de imediato, com uma expressão apologética, demorando-se nessa posição.

- Duh...Terra para Andreia...Terra para Andreia – Carlos sussurra-lhe ao ouvido, enquanto os miúdos fazem um chinfrim no quarto – Tudo bem?

Ela só levanta a cabeça, mostrando uns olhinhos a implorar perdão. Mas ele está, decididamente, noutra espírito.

- Andreia, acredita...está tudo bem. Va tutto bene. Everything's fine. Esta todo bien.

Entram em casa de mão dada. A mãe deriva imediatamente para o quarto dos miúdos, onde estes se entretinham a abrir e a fechar a mala. Surpreende-os com um abraço sôfrego e depositando beijos nas suas bochechas, como se eles fossem de viagem para longe dela, por tempo indeterminado.

- A sério, mãe...Irc! Deslarga-me – Jonas consegue finalmente libertar-se do aperto, continuando a sua parte na arrumação. Célia deixa-se ficar entre os braços da mãe, empatizando mais com a necessidade desta.

- Vocês sabem que eu gosto muito de vocês, não sabem? – dirige-se aos dois, enquanto segura a cabeça da filha junto ao seu peito – Mesmo muito, mais que a minha própria vida,

mais que tudo... – e aperta a miúda mais um pouco, até que esta se remexe e docemente se desfaz do abraço.

- Também te amo, mãe! – a mais pequena era, definitivamente, a mais carinhosa dos irmãos. E saltou-lhe para o pescoço, num último forte e repentino abraço. Na lógica dos miúdos, também já era hora de acabar as arrumações, senão nem tempo teriam para jogar tablet antes de ir para a cama.

Andreia fica a olhar para eles, atarefados com as malas, as toalhas e as tralhas, enquanto ela funga silenciosa, sentindo-se minúscula. Levanta-se e vai ao seu quarto, passa pela cozinha, vai à sala, desorientada. Carlos está a varrer a divisão, depois de ter dado um jeito na confusão. Também aí fica só simplesmente a olhar para ele, à espera de alguma coisa. Incapaz de se mexer, como se necessitasse da permissão de alguém para existir. Carlos repara nela, mas continua a varrer, aguardando que ela saia do torpor. Não vendo desenvolvimentos, faz-lhe um sinal para falarem na varanda, longe dos ouvidos dos mais novos. Nitidamente, algo não está bem. Esperou que ela atravessasse a curta largura da sala, arrastando os pés, abrindo então a janela. Lá fora, de frente para aquela rua sempre movimentada, ouvem-se os sons típicos do início da noite. Os restaurantes a receber os primeiros clientes, que se cruzam com os retardatários vindos da praia. Sopra uma brisa fresca do mar, arrastando consigo o cheiro a peixe fresco no grelhador.

- Tu não estás bem...que se passa?

Ela encosta-se ao canto da varanda, junto aos vasos com catos e um tomateiro mais resistente à negligência. As palavras saem-lhe a custo.

- Eu...a sério, Carlos. Eu não mereço isto. Não mereço ser tão feliz...Não te mereço. O que eu ando a fazer – interrompe-se subitamente, levando as mãos à cara e contendo um soluço. Continua, em surdina, sem tirar as mãos da cara – Está errado. Só pode estar errado...ainda acabo por destruir esta família. Não...não pode ser. Não pode –

Carlos varre o interior da sala com o olhar, só para confirmar que os miúdos não conseguem ouvir.

- Mas terás enlouquecido? – ele mantém um semblante calmo – Bom, mas em tua defesa se calhar devo dizer que, de facto, não me mereces...tal como eu não te mereço. Porque isto não é uma questão de merecer. Do tipo: se eu fizer uma determinada coisa, mereço-te;

se não fizer, não te mereço. As coisas não se passam assim. Por exemplo, eu sei que te amo – com essa palavra, ela levanta os olhos para ele, raiados de sangue, à beira das lágrimas – A ti, como és, com os teus defeitos e tudo...com tudo o que tu és. Com o teu novo amigo. Eu amo-te e pronto. Não há nada que eu possa fazer para merecer o teu amor. É uma coisa incalculável...logo, não tem preço. Tu se calhar sentes-te culpada – ela vai abanando a cabeça à frente dele, fungando ocasionalmente – Mas não me parece haver motivo para isso. Afinal, não é como se andasses a esconder alguma coisa. E digo-te mais. Tu mostraste mais coragem que muito boa gente. Reconheceste a origem da insatisfação na tua vida. A maior parte das pessoas sente-se insatisfeita e nem sabe porquê. Sente apenas que há alguma coisa que lhes vai comendo os dias, os anos. Um desejo por algo que nem conseguem descrever. Uma saudade por algo que perderam, mas não conseguem identificar. Tu superaste essa barreira invisível de inatividade e resignação. Decidiste pegar na tua própria vida pelos cornos – Andreia dá um passo na sua direção, de olhos muito abertos, bebendo todas as suas palavras – Imagino só o que terás pensado antes de me confrontares com isto. Que me ia dar um ataque de ciúmes, ou assim, ou até mesmo um pedido de divórcio. E, olhando agora em retrospectiva, penso que isso até seria provável se tivesse acontecido uns anos antes. Mas a idade...com os anos uma pessoa aprende a relativizar, mesmo inconscientemente ganha-se outra sensibilidade. Ou não será? É que, a maior parte das vezes, as pessoas não fazem as coisas contra nós, ou porque nos querem ensinar alguma lição, mas tão simplesmente porque estão a tentar lidar com as suas próprias questões internas...a tentar ultrapassar os seus próprios bloqueios e traumas – por esta altura ela já estava mesmo à sua frente, com a mão pousada suavemente no muro da varanda, o seu rosto agora mais iluminado pelos candeeiros da rua que pelo céu escurecido – É verdade que fui apanhado de surpresa pela tua iniciativa, mas como poderia não ser assim, quando eu próprio estava tão atordoado? Tu não fizeste nada de errado, acredita. Tu apenas acordaste...e começaste a viver um sonho que nem sabias ter. Nem acreditas o orgulho que sinto em conhecer-te, e em viver ao teu lado...

Com a mão livre, Andreia silencia-o com o indicador, suavemente, e cai nos seus braços. Entretanto os miúdos já espreitam da sala, aos cochichos e aos risinhos.

- Irc...eles gostam mesmo um do outro – a mais nova retorce a boca, enquanto dá cotoveladas ao irmão.

- Já...e são mesmo cotas. Uns cotas namorados – Jonas vira-se para a irmã, envergando um sorriso trocista. Célia encosta-se para trás, numa expressão mista de riso e enjoo.

Andreia desencosta a cabeça do ombro de Carlos e abre um dos olhos, enquanto os miúdos se contorcem de riso.

- Meninos, venham cá. Venham aqui, vá – reabre a porta da varanda e estende um dos braços para dentro da sala, fechando e abrindo a mão como se pegasse e largasse alguma coisa que já não estava lá. Os miúdos aproximam-se, enquanto Carlos se ajeita para acomodar um abraço maior. Nesse momento, encaixados num único enlace, ninguém pensa em arrumar o que é preciso, em tratar de coisas ou cumprir horários. Não pensam, apenas sentem o calor uns dos outros, distribuído incondicionalmente, tal como o seu amor. Deixam-se ficar a respirar em família, enquanto bem acima das suas cabeças as primeiras estrelas se tornam visíveis, a testemunhar o momento de felicidade.

Capítulo 6

Voltaram à rotina. Mas agora a rotina tinha outro sabor. Porque sabiam que havia mais alguém. Jorge também se ia habituando a estar com Andreia. E ao saber que havia mais gente na vida dela, sentia a sua curiosidade a crescer de dia para dia. E os miúdos, o que achariam? Um dia, chegando a casa ao fim da tarde, ela chegou-se ao pé de Carlos e disse-lhe, simplesmente, “Esta noite não durmo em casa”. Não o disse como um ultimato, nem foi um lapso ou um momento de irresponsabilidade. Foi apenas uma consequência natural da nova ordem das coisas. Tinha de ir ter com Jorge. Saiu, levando consigo alguns pertences e despedindo-se, sumariamente, de Carlos e dos miúdos. Claro que estes perguntaram onde tinha ido a mãe.

- A vossa mãe tem uma vida, e não se limita a esta casa, nem a esta família – Carlos sentou-se com eles na sala. Pareceu-lhe o momento indicado para ter uma conversa de pai para filhos.

- Mas porquê? – a inquisição de Célia era inocente. Não lhe passava pela cabeça que aquilo que o pai tinha acabado de dizer pudesse constituir um problema. Apenas tinha curiosidade em saber, como todas as crianças.

- Porque ela tem esse direito. Vocês também têm os vossos amigos, e quem sou eu para vos julgar...

- Mas, pai – Jonas, de semblante sério, surpreendia agora o pai com uma maturidade inédita – A mãe já não gosta de ti?

Carlos olhou para os joelhos, sentado no sofá, sorrindo, mas sentindo as orelhas quentes, na súbita subida do sangue. Sabia intuitivamente que o que dissesse naquele momento seria crítico para a vida daquela família, e para a vida dos seus elementos para além desta.

- Não...quer dizer, sim – corrigiu, atrapalhado – A mãe gosta de mim. É só que, depois de alguns anos, percebeu que gostar de mim não era suficiente para ser feliz – os miúdos ouviam-no com toda a atenção, muito quietos à sua frente, o que não era normal.

- Pai – Célia continuava com dúvidas – Nós vamos ser uma daquelas famílias com os pais separados? – num súbito fôlego, continua – É que uma colega minha lá da escola, a

Matilde, tem os pais separados, e ela passa uma semana com um, depois com o outro, e às vezes com os avós, e ela conta-me que...

- Não, não vamos, Cé. No que depender de mim, esta família vai continuar junta – Carlos tentava o seu melhor para serenar todas as preocupações e dúvidas, mesmo sabendo que algumas eram também suas.

- E do que não depender de ti, pai? – Jonas não desarmava. Precisava de partilhar de um sentimento de segurança, mesmo não tendo consciência disso.

- Er...eu não posso fazer tudo, nem controlar tudo, e, para ser franco com vocês, nem quero – Carlos olhava agora mais para o espaço entre os filhos, do que propriamente na direção de cada um deles, dirigindo as palavras a si próprio. Os miúdos entreolharam-se, sem perceberem se ele ia ou não continuar a frase. Mas ele rematou, cortando a introspeção – Mas olha, tens bom remédio, pergunta à tua mãe...querem melhor do que ela, para responder a essa questão?

- Mas o que é que TU achas?

- Eu acho que sim, que a tua mãe também quer manter esta família junta. Acho que, sem isso, ela não se sentirá feliz.

Ficaram uns segundos em silêncio, cada um a tentar perceber como se sentia relativamente ao assunto. Foi Célia a primeira a falar, após o intervalo.

- Mas pai, ainda não disseste para onde foi a mãe...

Carlos hesita, localizando perfeitamente a transferência de calor das orelhas para as suas bochechas.

- Jorge... - diz em surdina. Nesse momento, perante os miúdos, era uma palavra que para si era difícil de pronunciar. Estes olhavam fixamente para si, suspensos dessa palavra – A mãe foi ter com o Jorge.

Pronto, já não havia retorno. Já sabiam que a mãe tinha ido ter com alguém, e que esse alguém se chamava Jorge. Agora era só uma questão de tempo até quererem saber tudo. Nesse aspeto, os miúdos não perdoam. Inocentemente, Célia continuou.

- Mas a mãe não podia ir ter com o Jorge e voltar para dormir em casa?

Assim que aceitara a proposta de Andreia, Carlos soubera que a sua vida não voltaria a ser a mesma. Não tinha, no entanto, abraçado por completo a ideia de que o mesmo se passaria com toda a família. Não se tinha ainda dado conta das implicações, e agora improvisava ao longo do caminho. Improvisar, no entanto, estava no centro da sua paixão pela música, pelo que experiência não lhe faltava.

- Suponho que podia, querida. Mas ela quis assim.

- A mãe vai voltar, não vai, pai? – os olhos da pequena Célia encheram-se de lágrimas, alimentadas pelo medo de perder a mãe. Jonas fitava o pai com preocupação, sentindo uma crescente tristeza a vir à superfície.

- Meus queridos – Carlos colocou as mãos sobre o pescoço de cada um dos filhos. Também ele começava a sentir a pressão das lágrimas a querer sair – A mãe vai voltar, OK? Amanhã já cá está. Não quero que fiquem a pensar muito neste assunto. Está tudo bem. Agora, vamos é aproveitar estarmos aqui os três e ‘bora divertir-nos à grande! O que é que vocês querem fazer? – os miúdos praticamente não se mexiam, o que, definitivamente, não era normal. Além disso, pareciam atordoados pelas notícias, mantendo um silêncio tenso – E que tal irmos às pizzas?

A palavra mágica tinha sido pronunciada. Os olhos reviraram-se e os sorrisos apareceram miraculosamente nas suas faces, dissipadas as dúvidas e tristezas dos últimos minutos. Correram a ir buscar as suas coisas, enquanto Carlos se levantava devagar, a recuperar de um súbito cansaço emocional. Nessa noite não tinha concerto, felizmente, senão nem sabia como seria. Num pensamento fugaz, ocorreu-lhe que certamente Andreia não tinha escolhido esse dia por acaso, censurando-se por nem se ter apercebido dessa intenção. No restaurante, o tempo passou-se com boa disposição, e as pizzas, como sempre, não desiludiram. Ao regressar, no entanto, os miúdos vinham abatidos, cada um deles olhando distraidamente pela janela do seu lado no carro. Sabiam que essa noite a mãe não estaria lá para lhes dar as boas noites. Carlos fez o que pôde para os animar, mas a disposição dos filhos não dependia inteiramente de si. Estavam a entrar em casa quando o telefone de Carlos tocou. Era Andreia.

- Alô, Carlos...desde há bocado. O Jorge precisou de atender umas pessoas, e eu aproveitei para vir dar uma volta. Aqui à beira-mar é mais agradável que no meio da vila. Como estás? Como estão vocês? Eu sei que já é tarde, mas não quis deixar de ligar...

- Sim, fizeste bem...embora eu não estivesse à espera, admito – chama, gesticulando, os miúdos para seu pé – Fui com eles às pizzas. Calha sempre bem, sabes como é...E por aí?

Andreia fala alto, na tentativa de ouvir Carlos por cima do som das ondas e do assobiar do vento.

- A sério, não sei como é que aguentas. Agora a doida da tua mulher decide passar noites fora de casa...deixando-te aí com duas crianças – Andreia progride devagar, olhando para os pés a arrastar-se pelo piso asphaltado, varrido por partículas de areia a brilhar ocasionalmente sob a luz dos holofotes – Por falar em crianças, posso falar com eles? Preciso mesmo...passa-me um deles, por favor.

Carlos passa o telefone a Célia.

- Mãe, quem é o Jorge?

- Celinha, queria mesmo dar-te um grande abraço e os beijinhos de boa noite...e a nossa revisão do dia, a lista das coisas boas – o subconsciente de Andreia evita a pergunta – Dizer que te amo e...

- Sim, mãe, mas quem é o Jorge? – Não há nela qualquer intenção de pressionar ou enervar a mãe. Célia apenas parte do natural desejo de obter a resposta a uma pergunta simples. O que, numa criança, se pode tornar particularmente insistente.

- O Jorge é um homem...é uma pessoa, amiga – Andreia debate-se com o vocabulário, na frustrada tentativa de explicar a uma miúda de oito anos que arranjou um amante – O Jorge é um amigo especial, de quem gosto muito. Um amigo especial, que faz surf...

- Ok, olha, vou passar ao Jonas. Até amanhã! – satisfeita com a resposta, passa o telefone ao irmão.

- Alô mãe – a voz dele soa soturna.

- Olá querido! Estava aqui a olhar para o mar, e a pensar em ti...em como poderias ser tu ali, a deslizar nas ondas, mesmo a fazer surf à séria – a mãe procura desdramatizar.

- O pai diz que tu gostas dele, mas agora foste para aí... não vais ficar aí, pois não, mãe? – o rapaz circula pela sala, observado nos seus passos incertos pelo pai e irmã, curiosos e impacientes por só ouvirem metade da conversa.

- Não, claro que não. Oh, Jonas! – Andreia desata a chorar. Num reflexo, afasta o telemóvel do ouvido, embora não sendo capaz de o desligar. Do outro lado do fluxo eletromagnético, o rapaz ouve-a fungar e, contagiado pelos soluços em surdina, levanta os olhos rasos de lágrimas em direção ao pai. Deposita-lhe o telefone na mão, incapaz de continuar a conversa com a mãe. De sobrolho carregado e olhos vermelhos, segue direito para o quarto, onde se senta na cama a ruminar. Carlos volta a pôr o telefone sobre a sua orelha.

- Andreia?... Que se passou? Estás a chorar?

- Não...já passou – ela esfrega os olhos com a ponta do casaco – Foram só umas pinguinhas. Não se passa nada. Foi só porque me passou pela cabeça uma imagem da minha vida sem vocês...e, por momentos, não aguentei – Carlos segura fixamente, com uma mão, o telemóvel à orelha, enquanto abraça Célia. A rapariga está agarrada à sua perna e cintura como uma lapa – Não quero estar sem vocês...Ouviste, Carlos? Diz lá isso aos miúdos, que eu agora não pareço estar em condições. Amanhã à noite já estarei e casa, dêem-me só este tempinho...Obrigada, Carlos. A sério, obrigada por tudo. E estes miúdos, espetaculares. Tão crescidos! Tenho a impressão de que o Jonas não ficou bem, mas amanhã não me vou esquecer de falar com ele. Mas podes desde já garantir-lhe que a mãe dele não fugiu!

- Mas e tu...ficas bem?

Andreia responde após uma pausa.

- Sim, acho que sim. Muito embora tudo isto seja difícil de digerir. Às vezes sinto-me uma criminosa...trair o marido assim à descarada, com o maior dos à-vontades.

- Trair...a sério. Esse conceito até dói – Carlos vai acariciando o cabelo de Célia, que já boceja e afrouxa o abraço ao pai, puxando-o suavemente para dar as boas-noites – A gente vai resolver isto, vais ver. Agora trata mas é de ser feliz, e vê se vens para casa amanhã antes do jantar, até porque tenho concerto e também não sei se aguento muito mais tempo sem te abraçar, Andreia...

- Carlos – ela dá meia-volta e inicia a caminhada de regresso à estalagem de Jorge – Sim... a gente vai resolver isto. Beijo.

- Outro.

E desligaram os telefones. Carlos foi pôr os miúdos, que já cambaleavam, na cama. Jonas ainda estava taciturno, mas àquela hora já era mais sono do que outra coisa qualquer. No meio do quarto, que os dois irmãos ainda partilhavam, Carlos sentou-se no tapete, com as luzes já apagadas. Os miúdos olhavam para o seu vulto, iluminado pela luz difusa vinda do corredor, de cabeças nas almofadas e com as pálpebras semicerradas.

- Oiçam lá, uma última coisa – o pai levou as mãos à cara, a ocultar o inevitável bocejo – A mãe não vai fugir, Ok? A vossa mãe adora-vos, e ninguém vai abandonar ninguém. Isto é apenas uma situação nova, à qual nos iremos adaptar. E Jonas, agora para ti em particular, não queria que ficasses a remoer este assunto porque, a sério, está tudo bem... embora possa não parecer. Durmam agora descansados, que amanhã é outro dia, e a malta vai continuar a divertir-se. Ok?

- E tu pai...ainda gostas da mãe? – Jonas deixa sair a pergunta, arrastando a voz, mas sem se mexer da sua posição sob os lençóis. Carlos levanta-se, em esforço, e senta-se na borda da cama do rapaz, que gira ligeiramente sobre si mesmo para encarar o pai, na semiobscuridade. Entretanto, Célia já fechara os olhos.

- Mais do que nunca...é só que não sei bem como é que tudo isto se vai desenrolar. E é por isso que preciso que confies em mim, que confies em nós. Nós somos os vossos pais, que vos amam, e vamos continuar a ser. Juntos. Agora, toca a dormir.

- ‘Noite, pai.

- Boa noite, puto.

Capítulo 7

Nesse dia não havia nada para fazer. Nenhuma combinação com mais ninguém, nenhum compromisso inadiável noutra sítio qualquer, nada. Apenas tempo livre para estar. Só assim, simplesmente. A sugestão tinha sido de Andreia, e arranjara as coisas de maneira a não haver quaisquer impedimentos nesse dia. Só ela, eles, a cidade e o tempo. Os miúdos tinham sido recambiados para os avós, ideia que até lhes agradou. De vez em quando também gostavam de se ver livres dos pais por algum tempo, e ser apapricados pelos avós. O que não era de estranhar, uma vez que lá não eram importunados com algumas das regras que se viam obrigados a cumprir em casa dos pais, como tempo limitado a jogar computador, a ver filmes, ou limites na quantidade de doces que podiam comer. Os avós, não tendo podido usufruir de nenhuma dessas possibilidades quando eram crianças – na altura deles a opção era entre apanhar umas reguadas na escola ou ir trabalhar – faziam vista grossa a quase tudo. Mas Andreia achou que este era um momento indicado para isso, e Carlos concordava. Os miúdos também não se habituariam a essa vida só por estarem lá um par de dias de vez em quando. Foram levá-los aos avós logo de manhã. No primeiro dia do fim-de-semana havia algum movimento, mas nada de preocupante. O trânsito fluía sem problemas ou demoras. Voltaram para o centro a tempo de tomar o lanche da manhã na pastelaria favorita de Andreia. Ela adorava aquele sítio. Como agente imobiliária em vias de se reformar – embora para isso tivesse ainda de arranjar alguma alternativa que lhe garantisse um sustento razoável – era sensível à decoração e à forma de apresentação dos espaços. Sentia-se bem perante aquelas madeiras na parede do fundo, envolvida por uma iluminação cuidada e pelo ambiente geral, num estilo minimalista, mas descontraído. A loja conquistou-a logo na primeira visita, fidelizando a sua preferência com uma divina meia-de-leite que, segundo ela, era a melhor da cidade. E ela era particularmente experimentada em meias-de-leite. Sentaram-se na esplanada, sob um Sol a perder as forças no início do Outono. No entanto, no espaço abrigado por entre as mesas, o ar mais estagnado aquecia até ao conforto. Esticaram as pernas, enquanto se dedicavam às suas meias de leite. Carlos, em respeito às vacas leiteiras, e porque há muito que sabia não precisar de leite de vaca na sua dieta de mamífero adulto, empenhava orgulhosamente uma meia-de-leite-de-soja. Para amaciar o dente, molhavam nos leites uns folhados adocicados, ainda quentes. O tempo escorria, enquanto beberricavam a espuma que ficara nas

chávenas, sem pressas até à hora do almoço. Nesse momento seria suposto encontrarem-se com Jorge num restaurante da Mouraria, no que constituía ser a única combinação do dia. Andreia conhecia bem o bairro, resultado das suas campanhas para vender o charme lisboeta na forma de T0's e T1's de configurações estranhíssimas, a dois e três mil euros o metro quadrado. E com relativo sucesso. O barato e o caro são, como tantas outras coisas nesta vida, conceitos relativos, e os holandeses endinheirados que ela apaparicava ruas acima e abaixo largavam esse dinheiro de bom grado, desde que sentissem que estavam ali a construir algo a que pudessem chamar de um lar. E com pastéis de nata fresquinhos na pastelaria da esquina, todas as manhãs. O restaurante onde se iriam encontrar com Jorge era um cochicho no rés-do-chão, enfiado num edifício a cair de podre. Só os locais e os agentes imobiliários mais dedicados sabiam que a comida era boa, porque o interior sombrio e a cobertura de moscas sobre as mesas engorduradas não eram o melhor chamariz para os potenciais clientes. Era uma tasca, assim à moda antiga, mas uma em que se podia comer algo decente. Apesar do calendário solto, chegaram a horas. Vinham com calor, ao longo das calçadas íngremes, batidas pelo sol alto, pelo que uma entrada com uma garrafa fresca de vinho verde pareceu-lhes bem. Sob a sombra das varandas, e devido aos óculos escuros de ambos, Jorge não os reconheceu logo. Vinha com o telemóvel na mão, a tentar não se perder ao longo do sinuoso caminho por becos e ruelas, com vista a chegar ao “pin” que Andreia lhe tinha enviado. O centro antigo da cidade não era o seu habitat natural. Ali, sentia-se como um peixe fora de água. Mas o ser humano é muito flexível, e ele já tinha comido em muita tasca à beira-mar para agora se sentir repellido por esta. Era uma questão de vestir a sua pele de anfíbio.

- Jorge!... aqui! – Andreia acena-lhe do outro lado da rua, colocando os óculos sobre a cabeça. Jorge olha à volta, a tentar localizar a origem do som. Assim que a vê, atravessa a rua de repente, chocando com um par de turistas que ia a passar. Pede desculpa em três línguas diferentes. Carlos e Andreia contemplam a cena, divertidos.

- Estávamos com medo que não chegasses inteiro a este lado – Andreia graceja, visivelmente bem-disposta – Ah, e Jorge...Carlos. Carlos...Jorge. Ficam feitas as apresentações – ela faz um esforço para quebrar o gelo, mas eles nem dão por isso. Carlos levanta-se e aperta a mão ao outro.

- Tudo bem, Jorge? Olha, não te preocupes muito que eu também não sabia onde isto era, e provavelmente iria também precisar do mapa online para cá chegar...e, mesmo assim, não sei.

Sentam-se os dois, Carlos ao lado de Andreia, com Jorge pela frente. Estes ficam um momento a olhar um para o outro, a estudar-se, movidos pela curiosidade. Não é todos os dias que um homem se encontra face-a-face com o amante da mulher. Nem um homem com o marido da amante. E em termos tão amigáveis.

- Pá, pois, eu nem sou muito de usar essas coisas...repararam, não? Mas para aqui teve mesmo de ser... acho que se vivesse neste bairro não encontrava a minha prancha, nem se a deixasse pendurada na varanda!

Olham uns para os outros e sorriem, a habituarem-se à situação e ao desconforto que traz. Mas a cada minuto assim passado, menos sentem o peso dos anos e das lições aprendidas. Observam-se mutuamente, reparando nos detalhes: a cicatriz, o cabelo puxado para trás pelos óculos, as rugas ao canto do olho, os calos dos dedos. Andreia pega na garrafa e serve os três copos. Erguem os copos com vinho, num raro brinde silencioso. Carlos imagina o que poderia ter acontecido se tivesse sido ele. Se ele chegasse a casa um dia e, num momento de lucidez, tivesse proposto a Andreia arranjar uma amante. Seria gozado, estava certo. Ela iria rir-se na sua cara, recomendando-lhe juízo e propondo fazer-lhe um chazinho de malvas para ele se acalmar. Que estaria com certeza perturbado. E a seguir, para não voltar a repetir a brincadeira, ficava três meses seguidos sem sexo. Mas o filme esfuma-se, assim que sente o cotovelo dela a empurrar o seu. Ainda está na tasca, a segurar o copo de vinho verde.

- Como estão os vossos miúdos? – pergunta Jorge, genuinamente interessado.

- Oh pá, aqueles miúdos... – Andreia desvia o olhar para Carlos, depois deposita-o novamente em Jorge, brilhando – Temos imensa sorte, sabes? Eles preocupam-se tanto connosco, e isso é até uma coisa em que temos de ter algum cuidado – segura suavemente o braço de Carlos, pousado sobre a mesa – Porque eles depois querem tratar de nós...e isso ocupa-lhes demasiado a cabeça. Mas sim, eles são tão queridos, tão...compreensivos.

- Sim, eles perguntaram, claro – Carlos passa a mão pelas gotículas de condensação sobre a garrafa ao seu lado, num olhar compenetrado – E não posso dizer que tenha havido

grande preparação, pelo menos da minha parte. Vamos improvisando o melhor que podemos, e talvez seja melhor assim.

- Carlos...espera. Andreia, olha lá. Isto não tem de ser...a última coisa que quero é gerar problemas – vira a cara para Andreia – Eu disse-te, eu cheguei a dizer-te que já sentia ter ganho algo, mesmo que nunca mais nos víssemos. Vocês não me conhecem bem, mas eu sou muito básico, acreditem...dêem-me uma prancha e um fato e eu fico bem, não preciso de muito mais – recosta-se na cadeira, encarando-os, preocupado.

- Oiçam – intervém Andreia, fazendo sinal à senhora que lhes vinha tirar o pedido para esperar mais um pouco – Eu é que comecei isto. Eu apenas. Se há alguém com culpa no meio disto, sou eu. Mas...eu já pensei muito sobre o assunto, já chorei muito...e mesmo assim não mudei de ideias. Passei demasiado tempo a meter para dentro e, quando finalmente abri o jogo com o Carlos, senti definitivamente ter ultrapassado um ponto sem retorno. Para o bem ou para o mal, já não volto para trás – pausa, a sentir o peso das suas próprias palavras – E, pelo que vejo, vocês também não.

Eles não responderam, a pensar se haveria ou não retorno. A sua introspeção interrompida pela senhora e pela necessidade de escolher o que iam comer. Andreia propôs caldeirada de peixe e eles, atordoados, acederam. Iriam então comer peixe do mesmo tacho. E não há nada como um pote com boa comida para aligeirar o ambiente. Garfada puxa garfada, e aos poucos foram descontraindo, falando disto e daquilo, num almoço entre amigos. Não era como se tivesse vindo algum mal ao mundo por tudo aquilo que já tinham dito e feito uns com os outros. Nenhum avião tinha caído, ninguém tinha ido parar ao hospital, nenhuma criança tinha ficado traumatizada. Aliás, aparentava ser o contrário. Carlos e Jorge ganhavam serenidade, e Andreia estava eufórica, nem acreditando completamente no que estava a acontecer. Ela sonhara com aquilo, ansiara sem se aperceber realmente do que estava a desejar, muito antes de conseguir formular uma vontade concreta. Sentia, pela primeira vez na vida, que conseguia ser livre. Tão livre quanto lhe era possível. Percebia agora como isso era raro. Mas é assim que, às vezes, as pessoas aprendem. Por exaustão. Quando a certa altura o cansaço é tanto que não resta alternativa senão mudar.

Riram. Jorge contou uma cena estranhíssima, mas aparentemente verídica, envolvendo um casal de nudistas, uma alforreca e um nadador salvador. Constava então que o último tinha

terminado o salvamento retirando, com umas pinças improvisadas, dois tentáculos da alforreca que tinham ficado presos na vagina da senhora. Era só imaginar o asco e o pânico desta, com meio quilo de gelatina enfiado no sexo, ao qual se juntava o ardor dos sucos segregados pelo animal. Moral da estória: tomar banho nu é ótimo, mas atenção aos cefalópodes. Já Carlos partilhou outra estória, recordado pela sugestão do pânico, de uma vez em que tinha partido uma corda do contrabaixo. Podia ter acontecido em qualquer outra altura: num ensaio, enquanto estudava, oportunidades não teriam faltado. Mas a santa providência tinha requerido que o raro evento – as cordas do contrabaixo são muito grossas, pelo que não partem facilmente – tinha de acontecer logo durante um concerto. A meio de uma música, numa parte mais movimentada, a corda atingiu a sua resistência máxima e estalou sem pré-aviso. Resultado, uma ferida de cinco centímetros no sobrolho, um par de óculos amachucados, e só não deixou cair o contrabaixo porque, como qualquer bom contrabaixista, nunca largava o instrumento. Ficara tudo a olhar para ele, mas claro que a banda não parara de tocar. Músicos experientes não parariam de tocar mesmo que a polícia de choque entrasse no bar com canhões de gás lacrimogénio. Carlos acabara esse concerto com um lenço entalado nos óculos tortos, três cordas no contrabaixo e os dedos todos doridos por não ter podido usar novamente a corda mais delgada. Mesmo assim, ou talvez por isso, fora um dos melhores concertos da sua vida.

Depois do almoço foram bezerrar para um parque. O calor e a comida atingiram os três praticamente por igual, e o pedaço de relva à sombra exercia uma forte atração. Carlos, qual morsa atraída pela luz, foi o primeiro a deitar-se ao lado do tronco da árvore, deixando os braços tombar para o lado. Jorge sentou-se a uma distância confortável dele, mas próximo o suficiente para que Andreia se pudesse deitar transversalmente entre os dois, de cabeça apoiada no peito de Carlos e pernas em cima do colo de Jorge. Este último, apesar da cabeça pesada, não dormia. Costumava fazer horas a seguir ao almoço, na receção da estalagem, aproveitando o fraco movimento da clientela e o forte calor lá fora, pelo que aprendera a descansar sentado. Entretinha mornos pensamentos enquanto afagava as pernas de Andreia, observando os dois a dormir. Estes haviam-lhe confiado a sua segurança, como se adivinhassem que iria ficar acordado a zelar por eles. Confiavam uns nos outros, mesmo sem disso se aperceberem. Em todo o caso, não houve muito tempo, nem disposição, para se preocuparem. Ao fim de meia-hora já estavam todos acordados,

decididos a simplesmente vaguear pela cidade. É possível que algumas pessoas por quem passaram tivessem reparado como vinham os três de mão dada, ou que Andreia vinha abraçada a eles. É possível que alguém tenha comentado, olhado com surpresa, ou cedido a um sorriso condescendente. Mas eles continuaram. Também não era como se não estivessem a fazer o mesmo que muitas outras pessoas que, finalmente, se assumiam e saíam do armário. Subiram a calçada até ao castelo. Há séculos que milhares de namorados pisavam aquelas mesmas pedras arredondadas, para se sentarem em frente ao sol, e vê-lo aproximar-se das águas brilhantes sobre o horizonte. Mesmo sentados de frente para a muralha de gente a tirar fotografias, num constante vaivém, era inegável que o sítio carregava um certo encanto. Era como se estivessem a ver o pôr-do-sol por detrás de uma ventoinha a rodar em câmara lenta. Mas estavam juntos, e era o que lhes importava.

- Se o meu chefe me visse aqui, agora, estava-me a borrifar – Andreia baixa os óculos da cabeça para a vista, relaxando de imediato os músculos da testa e das bochechas – Não julgo a vida pessoal dele, e ele não tem de julgar a minha.

- Sabes que as coisas não se passam assim – Carlos deixa-se escorregar ao longo do banco, ficando mais de frente para a copa das árvores, que para o horizonte. Jorge mantinha as pernas cruzadas, descansando os braços por cima da cabeça.

- Isso faz-me lembrar aquela revista das atividades. Tipo, o que fazes em casa é contigo, mas o que fazes fora é com a...

- Jorge, isso não tem nada a ver – Andreia ajeita-lhe uma cotovelada.

- Eu sei...mas achei piada – lânguido, deixa-se vergar ligeiramente pelo toque de Andreia.

- Os meus filhos estão bem, e não estou a prejudicá-los – ela fala para a frente, em voz baixa. A confirmação vem-lhe trazida pela brisa morna, a banhar-lhe a face.

- Sim, estou convencido que eles ficarão bem, se nós estivermos bem – Carlos ajeita-se no banco para ver o Sol sobre o horizonte uma derradeira vez. Para além do casario, da ponte e do rio, a gigante bola laranja impressiona a sua retina, que a reproduz em triplicado, assim que Carlos fecha os olhos. Continua a falar de olhos fechados, deitando a cabeça para trás, sobre o banco – Eles sentem-nos, muito antes de sequer abrimos a boca. É um bocado como quando estamos a ouvir uma banda e aquilo não presta. Muitas vezes nem conseguimos dizer se o problema está aqui ou ali, mas sentimos imediatamente que

alguma coisa não bate certo. A nossa medida para sabermos se isto faz algum sentido e se estamos ou não no bom caminho, serão eles. Só temos de estar com atenção.

- Já...é um bocado como o surf – Jorge contempla os perfis compenetrados de Carlos e Andreia, difusamente iluminados pelo céu multicolor – Só que...

Olharam uns para os outros, sem que nenhum completasse a frase de Jorge. Subentenderam, pelas suas expressões faciais, que também não seria necessário. Ficaram só ali, mais um bocado, enquanto os turistas coletavam as suas memórias em momentos fugidios, por intermédio de equipamentos eletrónicos e nuvens de dados longínquas. Os três sabiam, pelo menos naquele instante, que a memória é algo inseparável dos sentimentos. Nada recordamos, se nada sentirmos. Ou recordamos, mas será apenas como ler dados num computador. Incapazes de nos transportar no tempo e no espaço, como nos sonhos. Sonhos em que a realidade nos parece maior que si própria, aumentada e mais intensa, se bem que mais condensada em informação. Seria essa memória, e os sentimentos que lhe deram origem, que os levaria mais longe, muito para além do que julgavam ser possível. Que os levaria à realização do sonho.

Capítulo 8

- Jonas! Célia! Já ajudaram a pôr a mesa? – Andreia grita da cozinha, enquanto vira os panados de peixe no azeite fervilhante.

- Tá quase! – Jonas responde imediatamente, atarefado com os copos, enquanto Célia distribui os talheres.

- Impressionante como vocês ficam quando o Jorge vem cá – Carlos entra nesse momento na sala, com as bebidas.

- Já pai, ele é muito fixe, e depois conta estórias da praia, e ensina-nos a fazer surf, e compra-nos bolas de Berlim, e ele é muito fixe, e... – Célia já pula à volta da mesa.

- Célia, és mesmo tótó, a sério – Jonas fala com a irmã na condescendência e altivez de irmão mais velho. Mas secretamente subscreeve a sua descrição de Jorge.

- Pá, eu só gostava que vocês ajudassem mais nos outros dias, é só isso – apesar da advertência, o pai estava de bons espíritos. Afinal, o amigo Jorge vinha novamente ter com eles. Ouviu-se tocar à porta.

- Tá tudo pronto aí? – Andreia volta a projetar a voz a partir da cozinha – Vou trazer a comida! Que isto já está a ficar tarde...alguém que vá à porta – é Célia que está mais perto, que corre para o intercomunicador. Levanta o auscultador e fica à espera da voz do outro lado.

- Little pigs, little pigs, let me in...

- Hã?!

- Abre a porta, Cé! – O pai faz-lhe o sinal para abrir, fingindo segurar no auscultador e carregando no botão com veemência.

- No?...Then I'll huff, and I'll puff...

A miúda carrega no botão, ficando a olhar para o aparelho.

- E agora entro, porque alguém me abriu a porta – Jorge fala para o auto-porteiro, sozinho à entrada do prédio.

Já no interior do prédio, galga os três andares de escadas de dois em dois degraus. Remar e surfar não serviam apenas para apanhar ondas e descer na vertigem da sua energia, mas também para subir escadas sem deixar cair ou derreter o gelado. Toca à campainha.

- Companhia dos gelados!

Desta feita foi Jonas a aparecer à entrada.

- Iá, fixe! – o efeito dos gelados nunca falhava. O miúdo agarra a caixa fria, enquanto Jorge o abraça e afaga o cabelo. Sente então a pancada na sua anca, como o embate de uma mini locomotiva. Cé tinha vindo a correr desde o outro canto da sala, abraçando Jorge com toda a força, e ameaçando não largar.

- Calma Cé...também há gelado para ti – Jorge agarra agora os dois miúdos, levantando a cabeça para reconhecer Andreia e Carlos, espedados no meio da sala a contemplar o espetáculo – Agora vá, esse gelado tem de ir já para o congelador, senão daqui a pouco está feito em ketchup.

Os miúdos arrancam com a caixa para a cozinha, competindo para a guardar. Entretanto Jorge aproxima-se de Carlos, dispensando um demorado abraço.

- Como é que estão esses calos, Carlos?

Relaxam o abraço, contemplando-se de frente.

- Devem estar mais ou menos como a sola dos teus pés – Carlos sorri, olhando no fundo do castanho claro dos olhos de Jorge – Por esta altura já completamente insensíveis.

O amigo entra na brincadeira.

- Não penses que me agarras com essa das solas...elas só precisam de sentir a cera sobre a prancha, nada mais. E eventualmente a cabeça de um prego.

Andreia insinua-se pelo lado, passando o seu braço à volta da cintura de Jorge.

- E como está o nosso instrutor de surf favorito? – num jeito muito seu, surpreende-o com um beijo na boca.

- Oh pá, também quero – resmunga Carlos, bem-disposto.

- Ach-hum, Ach-hum... – Jonas e Célia aparecem na sala, com Jonas a tomar a iniciativa pela interrupção.

- Que nojo, eles beijaram-se – Célia revira os olhos, deitando a língua de fora.

A mãe liberta Jorge do abraço e corre a cobrir a filha de beijos.

- Toma este, e mais este...e já agora mais este – enquanto a miúda se contorce de asco, e de riso, à medida que Andreia a toca nos pontos sensíveis às cócegas, que já conhece.

- Vá, tudo para a mesa – sentencia Carlos, já com receio de vir a comer o peixe frio.

A família senta-se à mesa. Enquanto todos falam alegremente e mastigam as crostas dos panados, Andreia observa, atenta. No silêncio dos seus pensamentos, tira o pulso à mesa, medindo as emoções no ambiente. Está bandeira verde, o céu está azul e o Sol brilha. Convida mesmo a um banho. Mas, como diz o ditado, há mar e mar, há ir e voltar. Os homens à mesa são bons, carinhosos, e os miúdos adoram-nos, mas terão os seus limites, como toda a gente. Até quando se sentirão confortáveis com a situação? O que poderá implicar partilhar uma casa? Como lidarão com o falatório, o preconceito, tudo aquilo que os rodeia e que está para além do seu controlo? Quão próximos conseguem estar um do outro, querendo estar próximos de si? E os miúdos, como reagirão à medida que crescem?

A seguir ao jantar, Carlos e os miúdos pegam no baralho e começam a jogar uma cartada. Era algo que faziam frequentemente, nos dias em que o pai não tinha concerto. A televisão, embora existisse, só era ligada em ocasiões especiais, ou quando Andreia estava tão stressada que precisava de ligar a novela para conseguir desligar a cabeça do trabalho. Não poderia estar mais afastada desse estado, nesta noite. Depois das arrumações e limpezas associadas ao jantar, ela e Jorge esgueiram-se para a varanda. Está frio, mas a lua em quarto crescente praticamente implora por um momento relaxado sobre a rua deserta, só ocasionalmente atravessada por um automóvel errante. Encostam-se ao varandim, enrolados em mantas atiradas à volta dos ombros, segurando ainda os respetivos copos de vinho.

- Não sei quanto tempo temos, mas sei que isto não vai durar para sempre – Andreia esfrega os pés um no outro, numa tentativa de aquecer os membros inferiores.

- Eu também não, mas...quem sabe?

- Sinto-me responsável, sabes? De vos ter arrastado para isto, como se fosse vossa obrigação seguirem-me...

- A nossa única obrigação é cuidar uns dos outros, nem que seja como amigos – Jorge contempla o perfil preocupado de Andreia, enquanto esta se deixa encadear pelos candeeiros da rua – De resto, ninguém entrou obrigado em coisa nenhuma e, se não estou enganado, a situação era conhecida desde o início.

- Sim, mas...

- Sim, mas nada, Andreia – com isto ela vira a cabeça para Jorge, juntando surpresa à preocupação – Tu também não és obrigada a fazer isto, portanto só tens de decidir se o queres realmente – ele pausa para levar o copo à boca, pensativo – Essa dúvida constante é que não dá.

- É a nossa vida, que ficou tão diferente...

- Para pior?

- Não posso dizer que tenha sido para pior – com a mão livre, Andreia afaga-lhe a bochecha, sentindo claramente os contornos da cicatriz.

- E o Carlos, acha o mesmo?

- Tens razão. Na verdade, ainda não falámos sobre isto...os três.

- E tu achas necessário?

- Tu não és um mero amante – Andreia enrosca-se na manta, ao mesmo tempo em que se deixa envolver pelos braços de Jorge, que por sua vez cobre ambos com a sua manta.

- Já te vejo como parte da família.

- Suponho que isso seja bom.

- Dá-te direito a alguns extras...

- Ui...como por exemplo?

- Como a ficares com os miúdos de vez em quando – Andreia levanta a cara na direção de Jorge, num meio-sorriso suplicante.

- Sabes que é com todo o prazer.

- E a ficares cá em casa sempre que quiseres.

- Oh pá, essa é nova...

- Não, a sério, Jorge – ela volta-se para ele, agora numa postura mais rígida – Isto não é gozação.
- Nem tal me passou pela cabeça.
- E poderia começar por ser já esta noite...
- Andreia, eh pá, não sei...vocês vivem nesta casa, têm as vossas cenas...sentir-me-ia um intruso – Jorge desvia-se de um olhar mais incisivo.
- E eu, quando fico contigo, lá no hostel? Não poderia eu sentir-me uma intrusa, no meio das tuas cenas? – Andreia insiste, num tom assertivo.
- Não é a mesma coisa, eu vivo sozinho.
- Pois, tens razão, não é a mesma coisa...é ainda pior.
- Pior, como?
- Exatamente por viveres sozinho, tens mais controlo sobre o teu espaço e as tuas coisas, logo provavelmente mais perturbado ao vir alguém partilhar esse espaço contigo, mesmo que temporariamente.
- Visto desse ponto de vista...
- Jorge...estamos a fugir ao inevitável. Ou bem que aceitamos isto, e partilhamos a nossa vida, com tudo o que daí vem, ou esquecemos esta estória toda.
- Gosto dessa determinação...não terá sido por nada que foste para o ramo do imobiliário – Ele faz os possíveis para aligeirar os ânimos.
- Não tarda nada mudo-me para o ramo da bofetada, se não paras com as piadas parvas – Andreia descola do abraço de Jorge, voltando à sua posição inicial apoiada sobre o varandim, sob o olhar atento de Jorge, que mantém agora um silêncio cauteloso. Continua Andreia.
- Eu sei que tudo isto é estranho, mas o que é que tu achas que realmente vai acontecer? Que te vou obrigar a viver cá? Que agora teríamos de sincronizar a nossa vida, como se vivêssemos juntos? Ou que eu agora iria surfar contigo todas as manhãs?...Pá, Jorge, isto é um dia de cada vez. Vamos experimentando.

Jorge ouviu, e processou. Apoiou-se também no varandim, ao lado de Andreia, e rodou a cabeça numa panorâmica sobre a rua silenciosa. Acabou de beber o seu copo de vinho. A seguir voltou-se para dentro, observando Carlos e os miúdos no auge de um jogo qualquer, a bater as cartas e a rir à gargalhada. Algo nele se acalmou. Não sabia o que o esperava, mas também não se regia pelo cronómetro. Sabia que podia confiar, e isso bastava-lhe. Já não lhe restavam dúvidas, quando falou.

- Sim, vamos experimentar.